

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas

Profª Drª Clarissa Menezes Jordão



MEMORIAL: recordações da trajetória de uma turritopsis

Apresentado como parte do processo de progressão para Professor Titular de Língua Inglesa do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Sumário

I. IDENTIFICAÇÃO	4
II. INTRODUÇÃO	5
1. OS PRIMEIROS TEMPOS	8
2. A FORMAÇÃO ACADÊMICA	9
A. NO TEMPO DA GRADUAÇÃO	9
B. NO TEMPO DA PÓS-GRADUAÇÃO	11
III. FORMAÇÃO	16
IV. ENSINO	18
1. EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS UNIVERSITÁRIAS	18
A. GRADUAÇÃO – CURSO DE LETRAS	18
B. PÓS GRADUAÇÃO – STRICTU SENSU	19
C. PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU	24
D. ESTÁGIOS E MONITORIAS DIDÁTICAS	25
2. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO	25
E. PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: DOUTORADO	25
F. PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: MESTRADO	27
G. ORIENTAÇÕES DE ESPECIALIZAÇÃO	28
H. ORIENTAÇÕES DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO	28
I. ORIENTAÇÕES DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA	29
V. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS DE CONCURSO DA CARREIRA DOCENTE	31
VI. PESQUISA	33
1. LINHAS DE PESQUISAS ATUAIS	33
2. PROJETOS DESENVOLVIDOS	33
3. OBTENÇÃO DE BOLSAS/AUXÍLIOS EM INSTITUIÇÕES DE FOMENTO À PESQUISA	35
4. PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE ESTUDOS	35
5. PUBLICAÇÕES	36
A. LIVROS	36
B. CAPÍTULOS DE LIVROS	40
C. ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS	45
D. OUTRAS PUBLICAÇÕES	49
6. PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS (E EVENTOS SIMILARES) E CURSOS MINISTRADOS EM OUTRAS IES. 50	
A. DISCIPLINAS MINISTRADAS EM OUTRAS IES	50
B. CURSOS DE EXTENSÃO/ESPECIALIZAÇÃO FORA DA UFPR	50
VII. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS DE DEFESAS DE TRABALHOS ACADÊMICOS	52
1. TESES DE DOUTORADO	52
2. DISSERTAÇÕES DE MESTRADO	54
3. MONOGRAFIAS DE CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO/ESPECIALIZAÇÃO	55

VIII. EXTENSÃO.....	57
1. NAP-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.....	57
2. PIBID 2009 E 2011.	59
3. OUTRAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO	59
IX. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS.....	64
X. OUTRAS ATIVIDADES	65
XI. CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU NÃO MUITO... ..	66

I. Identificação

- **Nome completo:** Clarissa Menezes Jordão
- **Filiação:** Comerciando Jordão e Suzana Menezes Jordão
- **Data e local de nascimento:** 16 de novembro de 1963, São Marcos, RS.
- **Cargo atual na carreira universitária:** *Professor Associado, 40hDE*
- **Instituição e departamento:** Universidade Federal do Paraná, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas.

- **Sociedades científicas ou profissionais a que pertence:**
 - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), Grupo de Trabalho “Interculturalidade, linguagem e educação”;
 - Associação de Linguística Aplicada do Brasil;
 - Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado do Paraná (APLIEPAR);
 - Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (ABRAPUI);
 - Encontro de Formadores de Professores de Língua Inglesa (ENFOPLI) – apesar de se chamar “encontro”, este é um grupo de formadores de professores de inglês no Estado do Paraná. O grupo mantém um fórum virtual.

II. Introdução

Numa tarde ensolarada do início da primavera curitibana, durante uma das inúmeras pausas que foram necessárias para compor esse memorial, observava meus gatos brancos deitados no sofá a meu lado, atravessados por nergas de sol que passava pela persiana semicerrada do escritório. O sol fazia listras negras nos meus gatos brancos, assim como meu memorial parecia querer imprimir linhas escritas nas páginas brancas da minha memória. Minha escrita parecia querer encontrar coerência na minha carreira, impor a linearidade das listras em uma vida movida por contingências, por coincidências, pelo acaso, pela sorte. Ou não. Ou não impunha nada, me deixando livre para construir esse texto como eu achasse melhor. Ou não, a vida não foi uma sucessão de acasos. Ou foi. A máxima socrática tem sido cada vez mais forte para mim, que “só sei que nada sei”... mesmo nessa fase da carreira, ou talvez justamente por estar nesse momento.

Ainda há primeiras vezes na minha vida profissional de turrítosis: esta é a primeira vez que escrevo um memorial. Quando comecei a pensar e pesquisar sobre o processo de elaboração de memoriais, me deparei também com dificuldades que me parecem inerentes na representação de si - narrar-se num memorial, especialmente numa situação em que a narrativa é feita com fins de promoção de carreira, parece algo bizarro de se fazer. Pensei que outra pessoa talvez devesse escrever meu memorial; ou outras, várias pessoas, pois vejo uma trajetória fragmentada, desenvolvida em muitos espaços, em muitas cidades, em muitas comunidades, em parceria com muitas gentes. Mas também pensei que o desafio de olhar pra meu passado presente, de pontuar momentos significativos do meu desenvolvimento profissional, de escrever sobre mim e usar, finalmente, a primeira pessoa num texto acadêmico sem ser questionada por isso, seria uma oportunidade de aprender coisas novas, de me entender de um modo novo pra mim.

Então consegui iniciar, mesmo que tardiamente, a busca por uma identidade acadêmica narrativizada. Consegui transpor contingencialmente a síndrome do impostor descrita por Eva Bernat (2008) em referência a professores de inglês, mas que me acomete em relação à carreira acadêmica como um todo: aceitei, embora relutantemente e ainda não muito certa de ter com isso obtido uma vitória sobre mim mesma, que uma carreira acadêmica não se faz apenas na convicção de ter produzido uma teoria inédita, de ter descoberto algo inovador, de ter perseguido à exaustão um único autor ou uma única obra. Acredito hoje, como sempre sem certeza absoluta, que uma carreira acadêmica pode se fazer pela forma criativa de relacionar teorias, de entrecruzar conhecimentos, e principalmente de comunicar-se com outras pessoas através das aulas, das orientações, das reuniões de departamento, das comissões, dos textos publicados. É assim que vejo minha carreira hoje: resultado de uma sucessão de acontecimentos por vezes isolados, por vezes conectados, muitas vezes resultantes do acaso, outras vezes fruto da intencionalidade e da teimosia, mas sobretudo um resultado que se comunica com quem está no chão da sala de aula. Gosto de pensar que seja e tenha sido assim.

No trabalho de escrita deste memorial, antes de começar procurei referências sobre como estruturar um texto desse tipo, pesquisando documentos com características deste gênero no contexto de concursos públicos e, felizmente, encontrei uma grande diversidade de formatos e de conteúdos. Alguns descrevem o currículo Lattes, na íntegra; outros apenas parcialmente. Alguns trazem depoimentos de colegas, outros uma longa introdução sobre a trajetória acadêmica da autora. Outros ainda oferecem comentários extensos sobre o conteúdo de cada publicação, constituindo-se praticamente em um conjunto de várias pequenas teses. Com isso, pude concluir que, além de tratar de percursos bastante distintos e individualizados, o gênero memorial acomoda estruturas diversas e costuma ser moldado conforme as expectativas de quem o escreve.

Isso me colocou numa posição de bastante liberdade para construir meu memorial, e para tanto tomei como referência principal os memoriais de Andrea Albuquerque e de Edivaldo Boaventura, ambos da Universidade Federal da Bahia¹, bem como as orientações gerais produzidas pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo², uma vez que ambos me foram acessíveis e pareceram corresponder ao que eu mesma havia construído sobre como poderia ser a estrutura de um memorial. Também me baseiei em um texto, recomendado por minha colega Liana Leão, que escrevia seu memorial na mesma época, de autoria de Teresa Cristina Rego. A autora realizou uma pesquisa sobre memoriais acadêmicos e no artigo intitulado “Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos”, publicado na *Revista Brasileira de Educação* (vol.19, julho/setembro, 2014³), além de defender como o estudo de memoriais pode contribuir para a compreensão da vida acadêmica, a autora também aponta como eles indicam o conhecimento como uma construção social. Em suas palavras:

Os relatos [memoriais pesquisados] evidenciam que nenhuma história corre sozinha e que o sujeito não é determinado apenas pelas injunções e contingências de seu meio ou pelas grandes forças impessoais que são capazes de determinar o rumo das criações humanas. Ao contrário, eles deixam claro como os acontecimentos históricos cruciais de um tempo e lugar, traduzidos nos “discursos hegemônicos”, no “espírito de uma época” ou nos “emblemas de uma geração” se entrecruzam com fatos cotidianos enfrentados de modo singular por cada um dos depoentes e, principalmente, com a maneira imprevisível como esses acontecimentos afetam a vida de cada um, bem como os modos idiossincráticos que os indivíduos encontram ao lidar com os fatos e episódios vividos. (REGO, 2014, p. 797)

Inspirada nessas constatações percebo que minha vida acadêmica só foi possível pelas colaborações e parcerias que pude estabelecer com pessoas, espaços e conhecimentos. Esta será portanto uma das principais dimensões da minha narrativa.

¹ Disponíveis em <http://www.edivaldo.pro.br/memorial.html> e www.moodle.ufba.br/file.php/8938/pegue_aqui_seu_memorial/AndreaAlbuquerque.doc. Acesso em agosto de 2011.

² Disponíveis em each.uspnet.usp.br/apoio/modelo-elaboracao-memorial.rtf. Acesso em agosto de 2011.

³ Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n58/13.pdf>, acesso em 14/08/2018.

A oportunidade de escrever um memorial com a estrutura que aqui se apresenta tenta estabelecer relações diretas com minha trajetória acadêmica, percorrida numa narrativa vivenciada em 7 cidades diferentes que muito significaram para mim. Penso na minha passagem por tais cidades e, conseqüentemente, na minha vida acadêmica, através de metáforas – aliás, escrevo meus textos acadêmicos com metáforas desde que me conheço por gente, e insisto nelas mesmo diante da resistência de muitos editores em perceber meus textos como “acadêmicos”, vezes por causa do uso da primeira pessoa, outras vezes por usar linguagem muito “emotiva”, como me “alertou” um editor certa vez. As metáforas são pra mim um modo fascinante de construir conhecimento e deixar sempre um espaço de indeterminação, um espaço aberto para outras leituras que não se invalidem nem se resolvam entre si.

Uma dessas grandes metáforas que me percorre a existência é a da “colcha”: a colcha de Clarissa ainda se está (re)tecendo, de forma que espero seja longa como as histórias de Xerazade. Não sei se esse memorial é um texto de “coroaçãõ” de uma carreira que se consolida, que termina, que entra em nova fase, ou se ele aponta para uma mera continuidade. Seria o final da minha carreira, com a aposentadoria que bate a minha porta?

Volto a pensar na colcha, e ela me remete agora a uma “turritopsis” – uma espécie de água viva que, quando em crise, se regenera e reconstrói em um outro espécime, sendo ela mesma, “but not quite”, como diria Bhabha. Remete a uma cobra que “troca de pele para permanecer a mesma”, como diria Menezes de Souza em referência aos Caxinauá. É assim que gosto de olhar para meu percurso acadêmico: ser diferente para ser eu mesma, e dessa maneira pensar numa carreira que tem e teve vários focos. Não pesquisei um assunto só, não me debrucei sobre uma teoria apenas, não estudei um único autor.

Organizei esse memorial com uma parte inicial de *identificação*, seguida de um relato de vida para situar, em retrospecto, o desenvolvimento de minha carreira acadêmica: a esta segunda parte chamei de *introdução*. Depois, da terceira à nona parte (capítulos III a IX), apresento realizações profissionais com base nas informações que se encontram também no currículo Lattes, só que aqui destaco algumas que são pontualmente comentadas conforme as percebo em sua importância no meu aprendizado.

A decisão de comentar alguns destaques do meu Currículo Lattes e utilizá-lo para estruturar parte deste memorial tem duas razões: uma é o reconhecimento, por minha parte, da importância desta ferramenta para a divulgação do perfil acadêmico dos pesquisadores na cena nacional; a outra é trazer para o memorial algo familiar no universo da pesquisa no Brasil, o Currículo Lattes, de modo que este memorial possa balizar-se em algo que existe para além dele, e tem legitimidade no meio acadêmico. Talvez haja também uma outra razão, menos clara para mim: a de que pode ser importante superar a modéstia/vergonha da autopromoção, e entender que falar sobre a própria obra pode ser feito sem arrogância ou sem a pretensão de se comparar com outros. Falar sobre a própria carreira pode ser uma oportunidade de compartilhar experiências, de trocar impressões, de ativar a memória e de “ler a vida, se lendo”, como talvez dissesse Menezes de Souza.

Assim pretendo ter reproduzido na estrutura do memorial a dimensão às vezes de ruptura, às vezes de conformidade, que imagino ter desenvolvido em minha

carreira. Entendo ser esse um bom caminho para entender e me fazer entender, inclusive para mim mesma. Acredito que não se constroem conhecimentos a partir do nada, nem os conhecimentos podem ser totalmente inéditos. Para construir o novo, que é sempre meio velho, precisamos conversar com o que já é conhecido; não se consegue entender sem referenciais, sem associações, sem o diálogo com o estabelecido. Parece-me possível, deste modo, escapar da arrogância do saber supostamente inédito, do conhecimento supostamente individual. Tenho tentado sempre me fazer entender pelas pessoas com quem falo: escrevo com esse objetivo (além de atender a fome do fantasma da “produtividade”, obviamente), leciono com esse objetivo, converso com esse objetivo. Não é fácil para mim prever ou ler o público, mas como brasileira, “não desisto nunca”.

Ao escrever este memorial, tenho a chance de refletir sobre os elementos que considero mais significativos na formação da minha identidade conforme a construo neste momento, de forma especialmente social, colaborativa, coletiva, e com isso posso “me ver vendo”, “me ler lendo”, me perceber montando minha identidade, reconstruindo minhas identificações e des-identificações. Isso vale à pena.

1. Os primeiros tempos

Nasci em São Marcos, Rio Grande do Sul; aos dois anos de idade já tinha feito duas cirurgias no quadril e aprendido a andar duas vezes, já que ficara engessada por 6 meses e esquecera como era a coordenação dos passos aprendida no meu primeiro ano de vida. Acredito que possa ter sido aí, nesta necessidade de aprender e reaprender, que se construiu uma das motivações para minha carreira de docente e pesquisadora.

Aos 5 anos de idade ingressei, após vencer, com dificuldade, a resistência da minha mãe, no Jardim de Infância Patinho Feio: vestia orgulhosa um colete cor de mel, com bolso frontal, no qual havia um aplique de patinho mas que não era feio como dizia o nome do Jardim. E já queria ser professora, afinal as professoras no Patinho Feio usavam guarda-pós brancos, ainda mais bonitos que meu jalequinho caramelo.

No ano seguinte nos mudamos, meus pais, eu e meus dois irmãos mais velhos, para Passo Fundo, onde estudei em duas escolas estaduais. A primeira, escola pública pequenininha, a uma quadra de nossa primeira casa na nova cidade. Nesta casa eu tinha pesadelos que me faziam acordar chorando no meio da noite, mas na escola tudo era lindo: eu podia ir a pé, sozinha, e tinha liberdade para pintar, desenhar, brincar com massinha e aprender minhas primeiras letras. A segunda escola, grande, era um colégio estadual e lá eu convivia com adolescentes – os primeiros que conheci além de meus irmãos. Não foi fácil mudar para uma escola para a qual eu era literalmente “levada” por meu irmão, cujas pernas compridas de adolescente me faziam correr para acompanhá-lo sem desprender da mão dele, que segurava a minha, compenetrado. Nesta escola, onde fiquei até a 5ª série, tirei 8,0 num ditado (o que me fez chorar por uma semana), fui mandada mais cedo para casa por estar com o uniforme errado (nada de calças com cordão, tinha que ser elástico), vi minha mãe, furiosa com o exagero da escola, dar de dedo na diretora – um vexame... Aprendi muito.

Mudamos de cidade mais uma vez, desta vez também de Estado – chegamos ao Paraná em julho de 1973, para morar em Guarapuava, pertinho da Lagoa das Lágrimas,

um parque construído como enorme na minha percepção de criança, onde eu ia andar de bicicleta todos os dias. No Colégio Estadual Visconde de Guarapuava, provei a sopa no recreio pela primeira – e última – vez, ouvi um imenso elogio da professora porque meu guarda-pó era “alvíssimo” (já era branco e nem professora eu era ainda...), e aprendi uma nova regência do verbo “emprestar”, quando já na minha primeira aula a professora me disse que emprestasse o caderno “da” minha colega e eu, confusa, fui oferecer meu caderno, ainda em branco (essa cor novamente), à colega que viria a ser minha melhor amiga durante alguns anos. Até então, para mim, a gente “emprestava para” ou “pedia emprestado a”, mas não entendia bem o que seria “emprestar de”. Minha amiga entendeu, me emprestou o seu caderno para que eu copiasse a matéria, e assim começou nossa amizade.

Dois anos depois, em julho de 1975, minha família e eu viemos para Curitiba. Nesta altura, minha irmã mais velha já era casada e tinha ido morar novamente em Passo Fundo, e meu irmão acabara de se casar, indo também para Passo Fundo, onde moravam sua esposa e a família dela. Minha irmã caçula havia nascido há quatro anos, e eu brincava com ela todos os dias, tentando ensinar palavras novas que ela imitava com afinco. Eu estava tentando ser professora dela, mas ela nem conseguia segurar o giz (branco) para copiar as letras do meu caderno... Na escola de verdade as coisas iam de bem a melhor: eu estava na única turma mista da escola – que neste ano tinha começado a aceitar meninos – e, ao contrário das outras meninas da turma, interagiu bem com os meninos e tinha neles bons amigos. Gostava muito das professoras – todas mulheres, e estava tirando notas altas, feliz da vida... talvez uma vida branca.

Eu estava decidida a mudar de escola para fazer o Ensino Médio profissionalizante, uma vez que na minha escola só havia magistério – e eu, naquele momento, queria distância da sala de aula. Guarda-pó branco? Coisa de criança. Meu coração adolescente não me permitia nem pensar nisso! Assim, meus pais e eu resolvemos que eu faria um profissionalizante em análises químicas para, no futuro, poder trabalhar em laboratório. Lá fui eu, pela primeira vez na vida, para uma escola particular: meu pai achava que escolas públicas não me ajudariam a passar no vestibular da Federal, onde estavam os melhores cursos.

Aprendi muito no colégio particular: aprendi no ensino técnico, ironicamente, que queria mesmo era ser professora e vestir aquele guarda-pó branco! Fui simpatizando cada vez mais com as aulas de literatura, português, redação e inglês, tinha um relacionamento extremamente bom com os professores destas disciplinas e me saía muitíssimo bem nelas, enquanto que só conseguia a média para passar nas outras. O curso de graduação? Letras, claro. Eu estava fascinada por literatura brasileira; o inglês veio apenas para aproveitar a oportunidade de uma habilitação dupla, porque eu queria dar aula era de literatura brasileira, mesmo que fosse sem o guarda-pó branco. Adorava ler o cânone, escrever resumos das obras, contar a vida dos autores e recitar as características das diferentes escolas literárias, que eu decorava do livro didático.

2. A formação acadêmica

a. no tempo da graduação

Passei em primeiro lugar no vestibular para o curso de Letras da Universidade Federal do Paraná, o que deixou meu pai muito orgulhoso. Ganhei um fusca 1976 de presente. Era 1982. Ia com ele para a universidade todos os dias – isso quando eu conseguia que ele funcionasse de manhã cedo, no frio congelante de Curitiba.

Não tínhamos centro acadêmico de Letras, e nada de participação política na graduação. Mas em compensação, tínhamos latim, português histórico, e a literatura brasileira continuava na base da decoreba: eu já não gostava mais tanto assim da literatura. Teoria literária era interessante, mas mesmo assim.... “not quite”.

Comecei a dar aulas de inglês em um instituto de idiomas no segundo ano da graduação. Sem nenhuma experiência didática, após um brevíssimo curso de treinamento de uma semana, entrei na sala de aula para ensinar inglês para adultos. Neste instituto usávamos o método áudio-lingual, e eu seguia o livro de muito perto, como aliás era recomendação do instituto. Apesar do nervosismo, eu logo me ambientei e passei a me divertir muito nas aulas, especialmente com os *drills* que aplicávamos constantemente aos alunos.

Nas aulas de inglês na graduação também tínhamos *drills* e decorávamos diálogos que apresentávamos aos colegas em formato de *sketches*. Eu mesma preparei e apliquei workshops de “drama techniques in the classroom” para os cursos de treinamento que tínhamos no instituto. Gostava muito de ver refletidos em minhas aulas os métodos usados por minhas professoras na graduação, e a impressão de que eu estava fazendo “certo”, uma vez que fazia como me era ensinado, me tornava uma pessoa confiante. Senti que aprendi muito com meus primeiros alunos, com suas reações aos métodos, a meus comentários em sala, a meus menores movimentos. Eles me ensinaram que alunos são gente, pessoas que reagem de maneiras inesperadas e que nos surpreendem sempre. Mas o instituto estava se tornando muito previsível, pois estudávamos sempre sobre como implementar melhor o “mesmo” método, como utilizar melhor o mesmo livro-texto, como aplicar as “mesmas” técnicas de ensino.

Com cerca de dois anos de experiência, a convite de um dos meus professores de inglês da graduação, passei a dar aulas num instituto de idiomas mais inovador do que aquele em que iniciei. Neste segundo instituto, usávamos a abordagem comunicativa mas problematizávamos os diferentes métodos e abordagens para o ensino/aprendizagem de inglês. Aqui, a direção do instituto tinha interesses educacionais mais específicos: além do treinamento semestral, tínhamos reuniões pedagógicas freqüentes e todos participavam de grupos de estudo sobre metodologias e abordagens de ensino de inglês. Discutíamos muito sobre nossa inserção social como professores de inglês, éramos membros do sindicato de professores de escolas particulares de Curitiba e nos engajávamos, com o estímulo da direção do instituto, em questões de classe. Estas discussões no ambiente de trabalho me convenciam, cada vez mais, de que eu estava na profissão certa para mim.

Também participávamos, com apoio inclusive financeiro do instituto, de congressos para professores de inglês, de programas piloto para exames internacionais e de cursos para professores no exterior. Este instituto me propiciou a primeira viagem de avião e ao exterior – um curso de 30 dias, pago pelo instituto, para professores de inglês no Bell College em Saffron Walden, na Inglaterra. Já ao iniciar o curso, percebi que as discussões que fazíamos no instituto eram muito mais aprofundadas e educacionalmente contextualizadas do que as que seriam oferecidas neste curso, o que me deixou bastante satisfeita com meu local de trabalho.

Eu gostava muito do que fazia lá, mas a insatisfação com a universidade crescia proporcionalmente à minha satisfação no trabalho: no instituto, eu estava engajada em questões sociais e construindo minha identidade profissional com afinco, enquanto que na universidade, espaço formal oficial para tal desenvolvimento, continuávamos submetidos, como alunos, ao método áudio-lingual, e sem nenhum contato com o universo do trabalho para o qual supostamente deveríamos estar sendo preparados.

Incentivada por minha empregadora no instituto, fiz concurso público para magistério na educação básica na Prefeitura Municipal de Curitiba. Aprovada e chamada dois anos depois, já estava graduada e nomeada na Universidade Estadual de Londrina, e portanto nem considerei a possibilidade de retornar a Curitiba para assumir a Prefeitura.

b. no tempo da pós-graduação

(i) O mestrado

Embora sem relevância imediata no exercício profissional, a habilitação em inglês me apresentou às literaturas de língua inglesa e sua história, pelas quais me apaixonei e a partir desta paixão decidi que queria investir na carreira de professora de literatura inglesa. O estímulo de uma das professoras, Sigrid Renaux, era o empurrão que faltava para que eu iniciasse minha carreira acadêmica com a entrada no mestrado em literaturas de língua inglesa, na própria Universidade Federal do Paraná, o que fiz assim que me formei na graduação.

Nessa época eu lecionava naquele instituto de idiomas a que me referi acima como espaço de grande estímulo profissional, o Liberty English Centre, em cujos cursos de formação li Freire pela primeira vez, e discuti a importância da educação e do inglês também pela primeira vez. Essas discussões e minha vivência no Liberty me levaram a questionar os estudos que eu fazia tanto na graduação quanto no mestrado, especialmente minha escolha por pesquisar drama norte-americano – vencida pela argumentação de (in)utilidade imediatista que construí naquela etapa da minha vida, tranquei o curso, convencida de estar desperdiçando dinheiro público ao estudar a literatura “dos outros” no meu mestrado. Ao retornar aos estudos de mestrado, vencida pelos argumentos também utilitaristas, embora por outro viés, de que o título me poderia ser importante e que afinal o trabalho já estava quase no final, foi-me designada uma nova orientadora, pois a anterior tinha saído do programa. Em meus primeiros encontros com a nova orientadora, Anna Stegh Camati, senti um fôlego renovado para escrever minha dissertação, se não pelo tema (a crítica social no texto *The Skin of Our Teeth*, de Thornton Wilder), pelo entusiasmo com que minha orientadora me recebia a cada encontro. Motivada principalmente pelo desejo de não decepcioná-la, finalizei a escrita do texto e defendi meu mestrado dentro do tempo regulamentar.

(ii) a docência na Universidade Estadual de Londrina

No meu último semestre do mestrado uma colega professora no Liberty me avisou que haveria concurso público na Universidade Estadual de Londrina (UEL), no norte do Paraná. Estávamos atravessando um momento de bastante decepção com a direção do instituto, relacionada a direitos trabalhistas – a ponto de a direção acusar a

nós professores de “não vestirmos a camisa” do Liberty por nos recusarmos a executar funções que não entendíamos (principalmente após termos consultado o sindicato) como próprias de nosso trabalho de professores. Em uma reunião recente, a mesma colega que viria a me avisar sobre o concurso na UEL, e que trabalhava como professora de inglês na prefeitura municipal de Curitiba já há alguns anos, chegou a erguer a voz para a diretora e dizer uma frase que me marcou muito: “não se lê Freire impunemente”.

Diante do clima ruim que estávamos vivendo no instituto que eu tanto amava, me enchi de coragem e resolvi fazer inscrição para o concurso na UEL, na esperança de ingressar no magistério superior. Ao ser aprovada, já havia concluído o mestrado e fui então morar em Londrina, sozinha pela primeira vez na vida. A experiência foi maravilhosa: tanto na universidade quanto na cidade, fui recebida de braços abertos, e estava convencida de haver escolhido o rumo certo para minha vida.

Já na minha primeira semana na UEL os professores entraram em greve por melhores salários. Foi fascinante participar das discussões sobre a profissão e a greve com colegas de outros cursos, mas foi especialmente interessante participar do debate simultâneo interdepartamental sobre o currículo do curso de Letras, que estava passando por uma reforma. As discussões sobre o currículo envolviam o departamento de Vernáculos (língua materna e literaturas de língua materna) e o de Letras Estrangeiras (inglês e francês). Na primeira reunião, de que eu participava com o entusiasmo de alguém que realizava vários sonhos em um – a independência de morar sozinha, a felicidade de uma recém-chegada que está se apaixonando pela cidade, a satisfação de uma iniciante na profissão desejada – meu mundo caiu ao ver, atônita, um colega do outro departamento sair da sala de reunião pisando forte e batendo a porta, exclamando “para que vocês querem mais horas de aulas de inglês? Eu aprendi inglês nos *corredores* das universidades americanas...” Demorei um pouco para entender o contexto da enunciação, tão distoante das minhas próprias impressões e expectativas. Mas não demorou muito para que eu percebesse que se tratava de questões mais políticas do que eu podia imaginar naquele momento.

A iniciação na docência superior representou um divisor de águas na minha vida profissional e acadêmica, especialmente ao engajar-me com um projeto de formação continuada de professores desenvolvido pela UEL, o Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP). Nesse projeto conheci professores da rede pública estadual e pude me aproximar de seus contextos de trabalho na região, trabalhando com eles em oficinas pedagógicas em parceria com os Núcleos Regionais de Ensino da Secretaria Estadual de Educação na região. Esta experiência acentuou em mim o interesse por questões educacionais e a vontade de contribuir mais efetivamente para o ensino de inglês nas escolas públicas. Tanto que, assim que mudei para a UFPR, levei comigo este projeto e fundei um NAP, ao qual me referirei em seguida e do qual participo ativamente até hoje.

Uma terceira atividade minha na UEL, que oportunizou um terceiro aprendizado tão importante quanto os dois anteriores, foi o trabalho com o ensino de literatura. Para minha primeira disciplina de literatura, ministrada dois semestres após eu ter entrado na UEL, preparei cuidadosamente um programa que justificasse o trabalho com dois dos meus textos favoritos no cânone literário inglês: *Rosencrantz and Guildenstern are Dead* e *Hamlet*, de Tom Stoppard e William Shakespeare. Reli as obras e inúmeros artigos sobre elas, apresentei a disciplina aos alunos na primeira

aula, conversamos sobre o conhecimento prévio dos alunos sobre os textos, enredos e personagens na segunda aula e, como tarefa de casa, os alunos leriam o primeiro texto para a próxima aula. Qual não foi minha surpresa quando, ao chegar à sala de aula animadíssima para o início das discussões sobre o texto, os poucos alunos que tinham lido, ou tentado ler o texto, exclamaram quase em uníssono “que texto chato, professora!”. Chato!!! Eu não conseguia me conformar com o fato de que, mesmo depois da discussão na semana anterior, cuja função tinha sido preparar e motivar os alunos para a leitura do texto, eles ainda o achassem “chato”; não conseguia entender como eles podiam achar chato o que para mim era um dos melhores textos da língua inglesa.

Eu só consegui entender algumas aulas depois que aquele incidente demonstrava a agência dos alunos em sua manifestação de resistência, que ele explicitava para mim a necessidade imprescindível de situar minha prática, de *localizar* o cânone e a *qualidade* literária, de conversar com os alunos sobre a natureza da literatura, sobre a construção e reprodução do cânone, sobre o que é gostar ou não gostar de um texto e o que isto significa cultural e politicamente na universidade. Na verdade, esta conscientização se deu mais abertamente alguns anos depois, durante meu doutoramento. Mas foi graças a esta experiência e às aulas seguintes de literatura na UEL que decidi fazer meu doutorado em educação literária.

(iii) A Universidade Federal do Paraná e o doutorado

Dois anos depois, em 1994, decidi fazer outros concursos em busca de uma posição numa universidade federal, que eu acreditava trazer mais estabilidade e melhores condições de trabalho, sendo menos influenciável pelos humores de um governador. Também acreditava que seria mais fácil, no serviço público federal, conseguir um afastamento para cursar um programa de doutorado. Assim, prestei concurso na UFPR, onde entrei em 1994. Hoje vejo que estava enganada em minha avaliação sobre as universidades estaduais, mas não me arrependi de ter vindo para a Universidade Federal do Paraná, que me proporcionou inúmeras oportunidades valiosas.

De início senti o impacto de retornar a Curitiba, especialmente em relação ao contato com os alunos e colegas de departamento. Eu saía de uma sociedade menos hierarquizada, na qual alunos e professores confraternizavam com frequência e freqüentavam os mesmos ambientes, para ingressar em outra sociedade, na qual havia menos oportunidade de encontrar-se com alunos e colegas fora da instituição. Voltava seguido a Londrina para rever os amigos e sentia dificuldade de me engajar com a UFPR, apesar de ter feito minha graduação e mestrado integralmente nesta instituição. Agora eu estava “nos bastidores”, ambiente que não conhecia e que demorei um pouco para entender – se é que posso dizer que alguma vez eu tenha entendido os ambientes universitários pelos quais passei.

Entretanto, em cerca de um semestre, já parecia compreender melhor as regras contextuais da UFPR e construía aos poucos o meu espaço. Parte dele foi ocupada pelo Núcleo de Assessoria Pedagógica, fundado por mim ao final do meu primeiro ano como professora na UFPR e inspirado nos moldes do NAP-UEL. O NAP-UFPR oferecia cursos e eventos de extensão a professores da rede pública e privada, contando com a participação de vários colegas do departamento. Outra parte do meu

espaço ficou ocupada com a preparação para cursar o programa de doutoramento da USP assim que terminasse meu período de estágio probatório. Uma terceira parte deste espaço, fundamental como sempre, foi o trabalho em sala de aula no curso de graduação em Letras, ao qual me dediquei com afinco, estudando muito e buscando alternativas tanto para meu trabalho individual em sala de aula, quanto para o trabalho conjunto com os colegas professores. Parte de nós, docentes de inglês do departamento, buscava meios de criar uma progressão mais funcional entre as disciplinas, explorando novos materiais didáticos, sugerindo novos conteúdos para as diferentes disciplinas e, sobretudo, estudando formas de avaliação que correspondessem ao trabalho realizado em sala de aula e nos possibilitassem desenvolver com os alunos uma proficiência linguística que levasse em conta as necessidades profissionais dos licenciandos e bacharelados, que freqüentavam as mesmas turmas. Trabalho árduo que, talvez, esteja gerando seus frutos na estrutura da habilitação em inglês que temos hoje. Mas na época, pouco conseguimos – era difícil problematizar práticas já estabelecidas e mobilizar colegas docentes convencidos de que as mesmas práticas deveriam continuar sendo usadas, mesmo os alunos tendo mudado e novas gerações estando nos bancos universitários.

Depois de muitos percalços e senões, entre choro e ranger de dentes, consegui licença para cursar o doutorado na USP a partir de 1998, sob orientação do Prof. Dr. Lynn Mario Trindade Menezes de Souza, um dos membros da minha banca de concurso para a UFPR. Naquela ocasião, quando o encontrei pessoalmente pela primeira vez, o professor havia me dito que as notas que me dera tinham sido “pelo potencial” demonstrado, mais do que pelo desempenho que tive nas provas em si. Suas palavras têm, desde aquela época, servido de inspiração e referência constantes sempre que me coloco na posição de avaliar alguém – seja alunos em provas rotineiras, seja em bancas de concursos ou de entrada em nosso programa de pós-graduação. Assim, foi uma grande satisfação ele ter aceitado me orientar. Desde a época do concurso, aprendi a admirá-lo profissionalmente, e poder até hoje ainda trabalhar com ele é motivo de grande orgulho para mim.

O doutorado foi uma época de muitas realizações; além de poder estudar o que gostava, literatura e ensino, sob inspiração de um orientador que admirava e ainda hoje admiro, pude estabelecer contato com outros pesquisadores que aprendi também a admirar. Uma das satisfações do doutorado consistiu, seguramente, na companhia constante de minha colega de doutorado (inclusive de orientador), Vera Wielewicki, com quem eu havia trabalhado na UEL e com quem, para minha surpresa, cruzei caminho na USP: nossas conversas nos corredores e discussões sobre os textos lidos para as disciplinas representaram espaços de muito crescimento para mim. É também um grande prazer continuarmos em contato – estamos juntas nos mesmos grupos de pesquisa e volta e meia estabelecemos parcerias em eventos, bancas de defesa de teses e dissertações, e grupos de pesquisa. Acho bastante recompensador manter, tanto com minha colega quanto com meu orientador de doutorado, um relacionamento acadêmico gratificante até hoje.

Mas divaguei: estava comentando minha experiência no doutorado na USP. Cursei disciplinas muito significativas para mim, pois discutia nelas assuntos que tinham relação direta com meus interesses de pesquisa, embora as viagens semanais para créditos e orientações fossem fisicamente desgastantes. Mesmo assim, o processo foi extremamente enriquecedor: nunca li tanto, nem estudei tanto, nem

participei de tantas discussões e atividades de pesquisa. Nunca tinha morado no exterior por tanto tempo quanto o que fiquei em Sydney, Austrália, em doutorado sanduíche com o professor Pennycook, que soube ser tão atencioso e dedicado quanto meu orientador no Brasil. Também nunca me estressei tanto, nem tive tantas crises de ansiedade – em muitos momentos não me achava capaz de corresponder às expectativas que tinha de mim mesma, pensava estar decepcionando minhas colegas, meu orientador, minhas professoras. Pensava em desistir, porque o texto da tese não saía do lugar; mas resolvi que eu também não sairia do lugar, literalmente, enquanto não desse um fim no relato de pesquisa que me propusera a escrever. E ele finalmente acabou; ou “foi suspenso”, como dizia meu orientador.

Antes da defesa, dias de muita ansiedade; no início da defesa, momentos de muita ansiedade; durante a defesa, senti desabar sobre mim uma sensação de dever cumprido, que veio com a satisfação de estar problematizando questões de interesse da banca; após a defesa, a felicidade de terminar mais uma etapa de meu desenvolvimento acadêmico. O fim desta etapa acabou deixando também um grande vazio – que foi sendo preenchido lentamente, quando retornei às atividades docentes na Universidade Federal do Paraná, ingressando no programa de pós-graduação em Letras e retomando as atividades de extensão do NAP-UFPR.

Passo agora a relatar questões mais pontuais da minha formação acadêmica e destacar algumas com comentários pessoais que julgo terem sido particularmente significativas em meu aprendizado.

III. Formação

- **Graduação:** licenciatura em Letras, habilitação dupla em português e inglês na Universidade Federal do Paraná, 1985.

Somente há poucos anos entendi que o rumo da minha carreira pode ter sido influenciado pela ausência da linguística aplicada na minha graduação. Até o início do doutorado eu não sabia que a LA existia, nem que seria possível eu seguir uma carreira como linguista sem me dedicar à sintaxe, à semântica ou à fonologia. Assim, fugia da linguística e me debrucei com paixão e admiração na literatura durante toda a graduação e o mestrado.

- **Pós-Graduação: mestrado.** Iniciei o programa de mestrado em literaturas de língua inglesa na Universidade Federal do Paraná em 1989, ano em que terminei a minha graduação.

No mestrado fui orientada inicialmente pela Profa. Dra. Brunilda Reichman Lemos, que logo se desligou do programa e então minha orientação ficou com a Profa Dra Anna Stegh Camati, como comentei na introdução deste memorial, que com sua confiança e carinho, foi minha principal incentivadora a levar a cabo essa etapa da minha formação. A análise da peça “By the Skin of Our Teeth”, de Thornton Wilder, que realizei no mestrado, enfocou a dimensão de crítica social que eu via no texto, e acredito que esse tenha sido o início do meu interesse sobre perspectivas críticas na educação, na literatura, na linguagem.

- **Pós-Graduação: doutorado.** Finalizei doutorado em língua inglesa e literaturas inglesa e norte-americanas na USP em 2001, com a defesa da tese “A Educação Literária no Lado dos Anjos”, orientada pelo Prof. Dr. Lynn Mario Trindade Menezes de Souza, com um estágio para doutorado sanduíche na University of Technology em Sydney, com o Prof. Dr. Alastair Pennycook.

Comecei o doutorado com um projeto na área da teoria da recepção de textos. Com a ajuda do meu orientador, e no contato com a linguística aplicada, afinei meu projeto para o trabalho com ensino de literaturas de língua inglesa em três cursos de Letras, licenciaturas e bacharelados, enfocando principalmente o que hoje chamaria de colonialidade das práticas de ensino-aprendizagem em torno dessa disciplina e das percepções sobre literatura em geral. Muito me incomodava a superioridade atribuída aos textos literários e a consequente elitização tanto das obras quanto dos autores e dos professores de literatura. Na tese, tracei entendimentos sobre as formações discursivas que me pareciam possibilitar tais atitudes e, inspirada em Oswald de Andrade, sugeri o desenvolvimento de uma “atitude epistemofágica transformadora” como alternativa para superar a violência causada por tal hierarquização.

- **Pós-Doutorados:**

1) Universidade de Manitoba, Canadá, 2008, supervisora Profa. Dra. Diana Brydon, pesquisa realizada “Espaços Abertos para Diálogo e Investigação: o questionamento conceitual como metodologia para formação de professores”.

2) Universidade de York, Toronto, Ontario, Canadá, 2013, supervisor Prof. Dr. Brian Morgan, pesquisa realizada “Inglês como Língua Internacional numa Abordagem por Letramento Crítico”.

Para mim o mais significativo nessas experiências no Canadá foi a vivência do mundo acadêmico, que me pareceu altamente competitivo em Manitoba, mas não tanto em Toronto. Tais impressões se devem, com certeza, aos supervisores com quem trabalhei e seus modos de relação com o trabalho. Em ambos os casos, no entanto, pude experimentar a vida em universidades do Norte Global, e aprender, mesmo que talvez provisoriamente, que o ensino público brasileiro ainda era, e é, meu espaço preferido de atuação para a construção de conhecimento, ainda sem amarras intelectuais a financiamentos e sem comprometimento com empresas ou patrocínios financeiros.

IV. ENSINO

1. EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS UNIVERSITÁRIAS

Considero minha atuação como professora a parte mais importante da minha carreira. Sempre sorrio comigo mesma quando lembro que, no ensino médio, podendo optar por continuar na mesma escola fazendo magistério ou ir para outra fazer um curso “técnico”, escolhi fazer um profissionalizante em “análises químicas”, pois dizia que jamais seria professora. Nesse curso, tive aulas de literatura brasileira com uma professora apaixonante e muito amiga, cuja empatia que estabeleceu comigo foi instrumental para minha escolha pelo curso de Letras e pela docência como carreira.

Gosto muito de me pensar como uma boa professora, e confesso que fico bastante feliz quando percebo isso nos olhares, nas palavras, nas atitudes dos alunos – as homenagens que recebi de formandos em várias solenidades de colação de grau sempre me deixaram emocionada. Acredito na importância absoluta da ternura, da empatia, da solidariedade nas relações entre docentes e discentes. Tenho tentado pautar minha carreira universitária pelo estabelecimento de uma relação saudável com meus alunos, talvez até porque não a veja tão saudável assim em outras situações: em conseguindo me relacionar de forma produtiva com meus alunos, as dificuldades pontuais de trabalho com os (im) pares fica de certa forma minimizada.

Também sempre busquei integrar minha atuação na graduação com o que faço na pós-graduação. Assim que defendi o doutorado entrei no programa de Pós, onde permaneço até o momento: fiz questão de ingressar na pós não apenas porque a via como estímulo à pesquisa e forma de retribuir mais efetivamente o investimento na minha carreira universitária, feito com financiamento público, mas também porque era uma oportunidade de possibilitar o acesso de alunos de graduação com perfil de linguística aplicada no nosso programa em Letras, uma vez que ele tendia a ser mais receptivo a projetos de linguística formal, descritiva. Durante alguns anos fui a única docente do programa envolvida com linguística aplicada. Não foram anos fáceis.

a. Graduação – Curso de Letras

Além de ter ministrado pelo menos uma vez todas as disciplinas obrigatórias ofertadas pela subárea de língua inglesa (divididas em orais e escritas), as ofertas de disciplinas optativas foram sempre muito instigantes para mim. Tive a oportunidade de ofertar uma optativa sobre discurso, por exemplo, na qual trabalhei com o discurso literário e discuti com os alunos possibilidades de abordagem educacional da literatura tanto na aula de língua quanto de literatura “em si”.

Também ofereci disciplinas optativas de conversação, nas quais trabalhei com a metodologia OSDE – Open Spaces for Dialogue and Enquiry. Esta metodologia foi bastante difundida no Brasil e na Inglaterra, inclusive com financiamento de agências de fomento do Reino Unido. Ela foi construída a

partir da problematização dos preceitos e objetivos da pedagogia crítica, por um grupo de pesquisadores do qual fiz parte e está disponível, detalhadamente, no site www.osdemethodology.org.uk. Esta metodologia também inspirou a elaboração de monografias de bacharelado e das sugestões pedagógicas para professores de inglês constantes dos Cadernos de Orientações Pedagógicas preparado por solicitação da Secretaria de Estado da Educação do Paraná conforme detalhamento na seção IX, que trata de atividades de extensão à comunidade.

Também ofertei com frequência na graduação uma disciplina obrigatória chamada Cultura e Ensino de Língua Estrangeira Moderna na Escola, na qual pude aliar explicitamente meu interesse em formação de professores de línguas com minha atuação como docente no curso de graduação em Letras. Nosso currículo reserva aos professores lotados no Setor de Educação o privilégio de tratar oficialmente da formação inicial dos licenciandos, cabendo aos docentes dos departamentos de Letras (maternas e estrangeiras) o ensino dos “conteúdos” (im)propriamente ditos. Sempre me resenti bastante dessa compartimentalização dos saberes e busquei espaços para questioná-la e superá-la. Essa disciplina prevê que tal separação seja problematizada, uma vez que é dedicada exclusivamente a alunos de licenciatura (enquanto as outras disciplinas obrigatórias do currículo têm na mesma sala de aula alunos de bacharelado e de licenciatura) e prevê explicitamente conteúdos voltados a questões de ensino-aprendizagem de línguas. Ela é um oásis para quem gosta de trabalhar com formação de professores, e foi uma tábua de salvação para mim. Fiquei feliz em vê-la mantida no novo currículo que entrará em vigor em 2020.

b. Pós Graduação – Strictu Sensu

Neste subitem enumero todas as disciplinas ofertadas por mim na pós-graduação, seguidas de uma breve descrição dos programas que construí para cada uma delas. A opção por apresentar apenas os programas se deve a ser esse item da ficha descritiva da disciplina que leva minha autoria, uma vez que dados como a ementa e a descrição de carga horária são fixas e construídas pelo colegiado de curso. Acrescentei também uma lista ilustrativa com os principais autores que lemos em cada disciplina a fim de explicitar o enfoque teórico dado aos temas.

Como nos outros itens do memorial, comento apenas as disciplinas que foram mais significativas para mim.

▫ 2003: TÓPICOS AVANÇADOS EM LINGÜÍSTICA APLICADA I.

Programa: Leitor/a e leitura - relações entre as abordagens no ensino de línguas estrangeiras e o desenvolvimento da crítica/teoria literárias na visão tradicional, estruturalista e pós-estruturalista; construções da leitura e do/a leitor/a em cada uma dessas perspectivas.

Alguns dos autores discutidos: Bourdieu, Compagnon, Eco, Fish, Foucault, Hutcheon

▫ 2004: METODOLOGIA DE PESQUISA EM LINGÜÍSTICA APLICADA.

Programa: Conhecimento científico e conhecimento de senso comum (problematizado historicamente); estágios da pesquisa científica (planejamento da pesquisa, etc.); tipos paradigmáticos e princípios da pesquisa - com ênfase na área de língua estrangeira/lingüística aplicada.

Alguns dos autores discutidos: Eisner, Coracini & Bertoldo, Larsen-Freeman

Essa disciplina foi particularmente importante por ter sido a primeira vez que ofertei uma disciplina em parceria com uma colega, Gertrud Frahm. A experiência foi bastante recompensadora, especialmente porque pudemos trocar informações e entender melhor nossas concepções em meio a nossas diferenças teóricas. Fizemos um acordo para não impedir que tais diferenças transparecessem aos alunos da disciplina, uma vez que as considerávamos bastante significativas para o processo de aprendizagem deles, assim como as considerávamos importantes para o nosso próprio processo.

▫ 2005: ESTUDOS DIRIGIDOS EM LINGÜÍSTICA.

Programa: leitura e discussão de obras de Bakhtin, Foucault e Maturana selecionadas pelo grupo de alunos matriculados.

Alguns dos autores discutidos: Bakhtin, Foucault, Maturana

▫ 2006: METODOLOGIA DE PESQUISA EM LINGÜÍSTICA APLICADA.

Programa: Reflexão sobre o conceito e processo da geração de conhecimento científico; a pesquisa em LA na perspectiva da etnografia sob o viés pós-estruturalista; os processos de construção de sentidos através da pesquisa científica e da etnografia na pós-modernidade e no pós-estruturalismo.

Alguns dos autores discutidos: Eisner, Freire, Hammersley, Usher & Edwards, Clifford & Markus

▫ 2007: não ofertei nenhuma disciplina porque estava em licença para pós-doutoramento na University of Manitoba, em Winnipeg

▫ 2008: ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA APLICADA I

Programa: Implicações da pedagogia crítica e do letramento crítico em teorias de aquisição de língua e abordagens de ensino de língua estrangeira (LE); a interpolação dos discursos sobre globalização voltados à língua inglesa (LI) na perspectiva do letramento crítico como prática social; pós-colonialismo, discurso, poder e concepções sócio-discursivas de “língua franca”; a língua inglesa (LI) como língua franca/global/internacional: implicações para o ensino/aprendizagem de LI no Brasil.

Alguns dos autores discutidos: Altbach, Appadurai, Ashcroft, Bhabha, Gee, Giroux, Llorca, Norton, Street

▫ 2009: METODOLOGIA DE PESQUISA EM LINGÜÍSTICA APLICADA

Programa: Epistemologia científica: reflexão sobre a natureza e processo da geração e distribuição de conhecimento científico e suas implicações ontológicas; metodologias de pesquisa: apresentação e problematização de diferentes metodologias de pesquisa conforme sua legitimação no mundo

acadêmico; o papel do sujeito da e na pesquisa científica em LA; a pesquisa em LA na perspectiva da etnografia sob o viés pós-estruturalista e pós-colonialista: legitimidade, autoridade e voz; epistemologia do pensamento “pós”.

Alguns dos autores discutidos: Eisner, Clifford & Markus, Kumaravadivelu, Pennycook, Usher & Edwards, Wielewicki

Esta foi uma reedição da oferta da mesma disciplina que ministrei em 2004, mas desta vez com ênfase na perspectiva epistemológica pós-estruturalista e no papel do pesquisador como narrador etnográfico.

▫ 2010: ESTUDOS EM LINGUISTICA APLICADA I

Programa: concepções de língua e cultura - os prefixos inter, multi, trans; formação de professores de inglês e o trabalho com cultura; o ensino/aprendizagem de língua e cultura - os sentidos da indissociabilidade.

Alguns dos autores discutidos: Bakhtin, Bhabha, Bourdieu, Castells, Derrida, Hall

▫ 2011: ESTUDOS EM LINGUISTICA APLICADA III

Programa: Estudos aprofundados sobre os pensamentos de Michel Foucault, Jacques Derrida e Homi Bhabha em suas implicações para as teorias de letramento crítico em educação, especialmente ensino/aprendizagem de línguas e culturas estrangeiras, com enfoque nas concepções de conhecimento, língua, cultura, sujeito, agência e resistência/poder no pensamento dos referidos autores.

Alguns dos autores discutidos: Foucault, Derrida, Bhabha

▫ 2012: METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Programa: tema 1 - pressupostos epistemológicos e papel do professor nas diferentes abordagens de ensino de LE; visões de língua, sujeito e ensino/aprendizagem na pedagogia crítica, na abordagem comunicativa e no letramento crítico; perspectivas educacionais sob pontos de vista linguístico, filosófico, pedagógico e metodológico; tema 2 - concepções de língua nos documentos oficiais para o ensino de LE na educação básica (PCN e PCN+, OCEM, DCE-PR); tema 3 - sugestões dos alunos sobre temas dentro da ementa da disciplina.

Alguns dos autores discutidos: Andreotti & Menezes de Souza, Lankshear & Knobel, Pennycook, Perrenoud, Sifakis, Soares, Street

▫ 2013 – não ofertei disciplina por estar em pós doutoramento na York University, em Toronto.

▫ 2014: AGÊNCIA, IDENTIDADE E DISCURSO

Programa: concepções de educação, conhecimento, língua/discurso, cultura, sujeito, agência e poder no pensamento pós-estruturalista que embasa o letramento crítico; letramento crítico e ensino-aprendizagem de língua inglesa no Brasil - abordagem comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico; relações entre letramento crítico e inglês como língua internacional e/ou franca.

Alguns dos autores discutidos: Garcia, Derrida, Duboc, Hall, Jordão

▫ 2015: A PESQUISA QUALITATIVA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Programa: natureza, conceitos e processos de construção de conhecimento científico na área de linguística aplicada; processos de pesquisa qualitativa; etnografia na área de linguagens; (não)pertinência de critérios de avaliação de pesquisas qualitativas (validade, generabilidade e aplicabilidade); concepções de língua/linguagem e sua relação com modos de pesquisa, geração e análise de dados; a pesquisa na área de (multi)letramentos críticos.

Alguns dos autores discutidos: Bloomaert, Cavalcanti & Signorini, Clifford & Markus

▫ 2016: TÓPICOS AVANÇADOS EM LINGUÍSTICA APLICADA III

Programa: concepções de língua e linguagem em correntes teóricas significativas para a LA; letramentos, multiletramentos e letramento crítico; questões de linguagem e a internacionalização do ensino superior: globalização e ensino-aprendizagem de línguas; inglês como língua internacional e EMI no Brasil.

Alguns dos autores discutidos: Canagarajah, Friedrich & Matsuda, Makoni & Pennycook, Rajagopalan, Sharifian

▫ 2017: AGÊNCIA, IDENTIDADE E DISCURSO

Programa: concepções de educação, conhecimento, língua/discurso, cultura, sujeito, agência e poder no pensamento pós-estruturalista que embasa o letramento crítico; letramento crítico e ensino-aprendizagem de língua inglesa no Brasil - abordagem comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico; relações entre letramento crítico e inglês como língua internacional e/ou franca.

Alguns dos autores discutidos: Bhabha, Derrida, Duboc, Foucault

▫ HL731- SEMINÁRIOS AVANÇADOS EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS III

Programa: the object of this course is to present an overview of current research related to translingualism within Applied Linguistics and Education, focusing on teaching strategies for moving beyond the “native speaker” as a linguistic and pedagogical model. The main purpose is to show the integration of theory and practice in the critical field and to involve participants in a discussion of the relevance of these ideas/practices for language classes in Brazil. Participants will be invited to share their own contexts and think together about the relevance of translingual praxis in their specific professional contexts.

Alguns dos autores discutidos: Canagarajah, Garcia & Wei

Essa disciplina foi planejada e ministrada em conjunto com o professor Canagarajah, razão pela qual o programa foi escrito em inglês, língua também em que a disciplina foi realizada. A experiência foi bastante desafiadora em dois sentidos principais: primeiro, pelas dificuldades de fazer o planejamento a distância, e com um colega que eu ainda não conhecia pessoalmente – a leitura dos textos de sua autoria ajudou, mas a perspectiva do que deveria ser um curso de pós-graduação e como ele deveria ser ministrado, especialmente em

relação às expectativas diante das contribuições dos alunos antes e durante o curso tiveram que ser antecipadas, explicitadas e negociadas entre nós constantemente. Destaco nessa disciplina o formato da avaliação, que ficou inteiramente sob minha responsabilidade, uma vez que eu, como professora local, conhecia melhor os alunos e as demandas institucionais. Decidi então, após a anuência do colega, fazer um episódio de avaliação formal em sala de aula no qual os alunos, em grupos, montariam cartazes (em papel ou formato digital) ilustrando e problematizando, verbal e/ou visualmente, os conceitos que consideraram mais significativos nas leituras e nas aulas da disciplina. Solicitei a eles também que montassem um texto verbal para acompanhar os cartazes, no qual descreveriam os efeitos de sentido pretendidos com seus cartazes. Nessa mesma aula, antes de iniciar o planejamento dos cartazes, montei com os alunos uma lista de critérios de avaliação que seria usada para a atribuição de conceito A, B ou C para suas produções. Ao final da aula, digitalizei todos os cartazes e enviei-os ao professor Canagarajah juntamente com os textos verbais produzidos pelos alunos e os critérios de avaliação que havíamos estabelecido em sala de aula. Comentei por escrito cada um dos textos e cartazes e, ao receber os comentários do colega, enviei as avaliações por email aos alunos. Interessante destacar aqui que, dentre os comentários do professor, veio um comentário geral que tomo a liberdade de citar aqui mais longamente, com a autorização do colega, evidentemente:

As I was reading the collages, it struck me that interpretation of them also has to be nonlinear and situated. Many thoughts ran through my mind on what you might be expressing through your creations. Your written preface helped a bit. But I also thought of many other possibilities in interpretation. It does pose some challenges for assessment, as the collages cannot be judged in the traditional way for a correct or superior knowledge. Should we value rather the richness of interpretations generated in assessing them? (Good luck, Clarissa, in evaluating them! It is certainly going to be challenging to give grades to these rich “performances.”) Anyway, I must commend Clarissa for coming up with such a creative exercise. For all my radicalism in thinking, my assessment practices have been conservative. Looking at your creations inspires me to try out similar exercises in my own classes in the future.

Para mim, nunca foi surpresa que avaliações são sempre interpretações situadas, e que o desafio de fazer avaliações (mesmo as que consideramos pouco “criativas”) está exatamente em sermos capazes, enquanto avaliadores, de considerar e estimular (com boas notas) a “riqueza de interpretações” que as produções dos alunos podem gerar.

▫ 2018: LETRAMENTOS E ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Programa: concepções de língua, discurso, agência e identidade nos estudos em LA, com ênfase em translíngualismo; concepções de letramento(s), multiletramentos, letramento crítico.

Alguns dos autores discutidos: Canagarajah, García & Wei, Monte Mór, Hillsdorf; Maciel; Morgan

▫ 2019: TÓPICOS AVANÇADOS EM LINGUÍSTICA APLICADA I

Programa: discussão de obras do Círculo de Bakhtin e do linguista aplicado Alastair Pennycook. O tema principal a ser abordado nas obras dos autores será concepção de língua(gem) e ensino e aprendizagem, mas outros temas como identidade, ideologia, agência, criticidade, gêneros discursivos, construção de sentidos, por exemplo, serão também enfocados na medida em que se relacionam com concepções de língua.

Alguns dos autores discutidos: Bakhtin, Medvedev, Volochinov, Pennycook

Essa disciplina será minha terceira experiência de oferta de disciplina em parceria com uma colega, desta vez Ana Paula Beato Canato, de quem partiu a iniciativa e que recebi com muita satisfação.

c. Pós Graduação Lato Sensu

- Curso de especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, ofertado pela Universidade Federal do Paraná.
 - *Em 2002, 2004 e 2006 ministrei disciplinas obrigatórias para todos os alunos versando sobre metodologia de pesquisa em linguística aplicada, etnografia, pós-modernidade e pós-estruturalismo no ensino de línguas e literaturas.*
- Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa, ofertado pela UNESPAR de Campo Mourão.
 - 2002: disciplina “Pós-modernidade e educação”
- Curso de especialização em Língua Inglesa, UNESPAR, União da Vitória.
 - 2002: disciplina “Análise e produção de material didático”
 - 2003: disciplina “Educação pós-moderna e o ensino de línguas e literaturas estrangeiras”
- Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa, FECILCAM, Campo Mourão.
 - 2002: disciplina “Pós-modernidade e educação”
- Curso de Especialização em Línguas Estrangeiras, Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 - 2002: disciplina “Educação pós-moderna e linguística aplicada ao ensino de línguas e literaturas estrangeiras”.
- Curso de Especialização para Educadores. IMEC. Universidade Luterana Livre.
 - 2002: disciplina “Inteligências Múltiplas e (In)Disciplina”.
- Curso de Especialização em Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 - 2004: disciplina “Educação Pós-Moderna e o Ensino de Língua e Literatura”

d. Estágios e Monitorias Didáticas

Tive a oportunidade frequente de contar com monitores nas disciplinas ministradas na graduação, o que me permitiu refletir melhor sobre meu desempenho em sala de aula, pois o aluno monitor era sempre um interlocutor com quem costumava discutir o andamento das disciplinas. Especialmente na disciplina “Cultura e Ensino de LEM na Escola”, obrigatória para todos os licenciandos com habilitação em línguas estrangeiras, disciplina que tem como um dos componentes a realização de um mini-estudo etnográfico, a figura dos monitores me oportunizava rever minhas práticas constantemente, conforme ia tentando perceber, com a ajuda deles, possibilidades de trabalho diferentes das que tinha como rotina. Eles também me ajudaram a perceber as reações dos alunos às práticas pedagógicas e a reformular procedimentos didáticos. Os monitores também cresceram profissionalmente nesta parceria, pois planejamos a disciplina e as aulas colaborativamente, e eles me ajudavam na orientação dos alunos extraclasse, especialmente na condução dos trabalhos etnográficos que a disciplina mencionada acima requeria.

2. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

Todas as orientações que realizei foram no programa de pós graduação em Letras da UFPR e no curso de especialização do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPR.

e. Pós-graduação Stricto Sensu: doutorado

(i) Concluídas

- **Iara Maria Bruz. Formação Inicial de Professores de Língua Inglesa como Língua Internacional.** 2018.
Iara é hoje minha colega na UFPR
- **Rodrigo Calatrone Paiva. Contando Estórias para Pesquisar Ensino-Aprendizagem de língua inglesa por meio de projetos: uma autoetnografia.** 2018.
Rodrigo é hoje professor na Universidade Estadual UNICENTRO, em Irati.
- **Anderson Nalevaiko Marques. Práticas translingues e colaborativas em um curso de inglês.** 2018.
Anderson foi também meu orientando de mestrado, e é hoje professor no Instituto Federal do Paraná, em Curitiba.
- **Maria Teresa Sanchez Alcolea. Creoles e Inglês na Jamaica: o estatuto da língua oficial.** 2014. Bolsista do Convênio UFPR OEA - Organização dos Estados Americanos.
Maria está de volta à Jamaica, onde leciona em cursos de formação de professores

- Nelza Mara Pallú. **O Imaginário dos alunos, pais e professores sobre o processo de ensino e aprendizagem de inglês: explorando suas representações sociais.** 2013.
Nelza é professora na UNIOESTE em Marechal Cândido Rondon
- Thaísa de Andrade. **Grupo de estudos na formação continuada de professores de inglês.** 2013.
Thaísa é professora na UEPG, Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- Mariza Riva de Almeida. **Um Olhar Intercultural na Formação de Professores de Línguas Estrangeiras.** 2011.
Como minha única colega interessada em formação de professores desde que eu havia entrado na Universidade Federal do Paraná, em 1994, até 2008, foi um grande prazer orientar seu trabalho de doutorado. Também estabelecemos parcerias bastante gratificantes antes, durante e depois da orientação. Ainda acho que fomos felizes em não permitir que essa faceta do nosso relacionamento acabasse com uma amizade que continua até hoje.
- Regina Célia Halu. **Formação de Formadoras de Professoras de Inglês em Contexto de Formação Continuada (NAP-Universidade Federal do Paraná).** 2010.
Regina é hoje minha colega de departamento.
- Laura Janaína Dias Amato. **A identidade do professor de LE: a cultura como foco.** Início: 2007.
Laura hoje é professora na UNILA, onde já foi pró-reitora de graduação.
- (ii) *Em andamento*
 - Zelir Maria Bieski Franco. **Identificações para a língua inglesa na formação profissional e tecnológica: há alternativas para o letramento autônomo na formação técnica?.** Início: 2017.
 - Jhuliane Evelyn da Silva. **A Construção de Conhecimento no Paradigma Pós Moderno: dos documentos parametrizadores à ação docente.** Início: 2017.
 - Ana Raquel Fialho Ferreira Campos. **Inglês como língua internacional na universidade: uma experiência de planejamento e condução de aulas no 3º ano do curso de Letras.** Início: 2016.
 - Isabel Cristina Vollet Marson. **Relações entre os Multiletramentos e Inglês como Língua Franca: desafios e impactos para a formação inicial de professores de língua inglesa na UEPG.** Início: 2016.
 - Rayane Lenharo. **Multiletramentos e formação/educação inicial de professores de inglês: perspectivas e possibilidades.** Início: 2018.

f. Pós-graduação *Stricto Sensu*: mestrado

(i) *Concluídas*

- Dayse Paulino de Ataíde. **A Leitura Literária nas Aulas de Língua Inglesa: uma proposta didática para a Educação Básica.** 2018.
- Edna Marta Oliveira da Silva. **Os Games e a Aprendizagem de Língua Inglesa Sob a Ótica do Conectivismo.** 2016.
- Anderson Marques. **O PNL D LEM 2012 sob a Perspectiva do Letramento Crítico.** 2014.
- Alessandra da Silva Quadros Zamboni. **A formação do professor de língua inglesa: um estudo interpretativo das ementas na formação inicial.** 2013.
- Katia Mulik. **O PIBID na formação continuada: o papel do professor supervisor.** 2012.
Katia é professora de inglês da Rede Estadual do Paraná e cursa hoje doutorado com Walkyria Monte Mór, a quem foi apresentada por mim, na USP.
- Maria Augusta Arato. **O Ensino de Inglês na Escola Pública, a Abordagem Comunicativa e a Educação na Pós-Modernidade: um trabalho colaborativo.** 2011.
- Eliana Santiago Edmundo. **O Ensino de Inglês na Escola Pública sob a Perspectiva do Letramento Crítico: uma Construção Discursiva.** 2010.
Eliana foi minha aluna-professora no programa de formação continuada Paraná ELT, e depois minha parceira no trabalho de elaboração das Diretrizes Curriculares Estaduais para Línguas Estrangeiras do Ensino Fundamental. Foi uma grande satisfação quando ela me procurou novamente para continuarmos um trabalho de parceria no mestrado.
- Carla Forlin. **Concepções sobre Língua e Cultura na Formação Continuada de Professores de Língua Inglesa: uma leitura do Núcleo de Assessoria Pedagógica da Universidade Federal do Paraná.** 2009.
- Zelir Maria Bieski Franco. **A Literatura no Livro Didático: seus efeitos na prática dialógica do aprendizado de inglês.** 2007
- Juliana Zeggio Martinez. **Uma Leitura sobre Concepções de Linguagem e Educação Profissional de Professores de Língua Inglesa.** 2007.
Sinto uma grande satisfação em continuar trabalhando de perto com Juliana. Temos desenvolvido vários projetos juntas, especialmente relacionados à formação inicial e continuada, e a orientação de mestrado foi só o início de uma parceria constante e extremamente gratificante para mim. Fiquei bastante feliz ao ser convidada para a banca de doutorado dela, na USP, orientada pelo meu orientador de doutorado.

- Josiane Largura Siqueira. **Enfoque Metacognitivo: ensino de inglês com propósitos específicos na universidade.** 2005.
 - Elizabeth Pazello. **Pedagogia de projetos e o ensino de Inglês como Língua Estrangeira Moderna em escola regular de 5ª a 8ª séries: convicção ou modismo?** 2005.
Elizabeth é hoje docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, a UTFPR.
 - Renata Ghellere Brandão. **Para além da competência comunicativa: a função educativa do professor de inglês de cursos livres na sala de aula.** 2003.
- (ii) *Em andamento*
- Mariana Lyra Varella de Albuquerque. **Políticas linguísticas e de cooperação educacional entre o Brasil e países “lusófonos”– uma análise da exigência do certificado de proficiência de língua estrangeira (celpebras) para candidatos “lusófonos” do programa de estudante - convênio de graduação (pec-g).** Início: 2019.

g. Orientações de especialização

- César Raimundo Dias Barreto. **Os Gêneros do Discurso e o Ensino de Línguas: a integração dos processos de leitura e escrita na sala de aula.** 2007. Monografia. (Especialização em Ensino de Cultura e Língua Estrangeira)
- Silvana Bilinski. **O Livro Didático na Aula de Língua Estrangeira.** 2007. Monografia. (Especialização em Ensino de Cultura e Língua Estrangeira).
- Rosicler Garcia Salema Barbosa. **O Ensino por Projetos para Crianças de 1ª a 4ª Séries: o papel do professor de inglês.** 2007. Monografia. (Especialização em Ensino de Cultura e Língua Estrangeira).
- Elaine Procelli. **Livro-texto e material didático: para quê?** 2006. Monografia. (Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas).
- Adriane Berneck. **O Uso de Readers na Leitura em Língua Inglesa.** 2003. Monografia. (Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas).
- Maria Cecília Piccoli. **Ensino de Língua Dominante para o Desenvolvimento Sustentável.** 2003. Monografia. (Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas).

h. Orientações de trabalhos de conclusão de curso

- Gabriela de Azevedo Leão Rêgo. **A tradução no ensino de inglês como língua estrangeira.** 2007.

- Letícia Largura Martins. **Os Espaços Abertos: uma investigação sobre a metodologia OSDE em um curso de conversação avançada em língua inglesa.** 2007.
- Ana Carolina Queiroz Lopes de Araújo. **Trabalho, cultura e motivação.** 2005.
- Glaucia Vargas Sanchez. **O ensino da escrita no curso de inglês do CELIN-Universidade Federal do Paraná.** 2005.
- Maria Letícia Teixeira Fantini. **Pedagogia Crítica como Resistência ao Imperialismo Lingüístico.** 2005.
- Graziella Lapkoski. **A Avaliação de Leitura em Inglês como Língua Estrangeira no Centro de Línguas da Universidade Federal do Paraná - CELIN.** 2005.

i. Orientações de iniciação científica

- Gabriela Laufer. **O papel da língua inglesa nas práticas de letramento de docentes de pós-graduação no processo de internacionalização da UFPR.** 2018. Bolsista CNPq.
- Alan Emmerich. **As práticas de letramento dos docentes no processo de internacionalização da UFPR: congressos e publicações.** 2018.
- Bryan Pissinini Antunes. **Práticas de letramento desenvolvidas por docentes no processo de internacionalização da UFPR e o papel da língua inglesa.** 2017. Bolsista CNPq.
- Thainá Frankiw. **Concepções de internacionalização em programas de pós-graduação na UFPR.** 2017. Bolsista CNPq.
- John Fiorese. **Perspectivas docentes sobre políticas de internacionalização na UFPR.** 2016. Bolsista CNPq.
- Lina Saheki. **Projetos de Aprendizagem na Formação de Alunos de Letras: um estudo do currículo das habilitações em japonês e polonês da Universidade Federal do Paraná.** 2011, 2012 e 2013. Bolsista CNPq.
- Renan dos Santos. **Letramento Crítico na Formação Inicial e Continuada de Professores de Inglês: globalização e transdiscursividades.** 2010. Bolsista CNPq.
- Letícia Largura Martins. **A Construção de Espaços Abertos para Mudança de Paradigmas na Educação.** 2006. Bolsista CNPq.
- Juliana Passos. **Concepções de leitura na crítica literária e nas abordagens de inglês como língua estrangeira.** 2006.
- Saionara Coutinho. **Representações discursivas da língua inglesa na globalização.** 2009.
- Juliana Passos. **Concepções de leitura na crítica literária e nas abordagens de inglês como língua estrangeira.** 2004. Bolsista CNPq.

- Letícia Largura Martins. **Outros Mundos: O Uso da Metodologia Espaços Abertos na Educação.** 2007.
- Letícia Largura Martins. **Concepções de leitura na crítica literária e nas abordagens de inglês como língua estrangeira.** 2003.
- Paula Andreia Petry. **Concepções de Leitura na Crítica Literária e nas Abordagens de Inglês como Língua Estrangeira.** 2003.

V. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS DE CONCURSO DA CARREIRA DOCENTE

- 2014. UFPR. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Professor Adjunto 1 de Língua Inglesa.
- 2010. UNILA. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Professor Adjunto 1 de Língua Inglesa.
- 2009. UFPR. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Professor Auxiliar 1 de Língua Inglesa.
- 2009. UTFPR. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Professor Adjunto 1 de Língua e Literaturas de Língua Inglesa.
- 2008. UNIOESTE. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Vaga de Professor Assistente de Prática de Ensino de Língua Inglesa.
- 2007. UFPR. Universidade Federal do Paraná. Membro da Comissão Julgadora do Processo Seletivo para Professor Substituto de Língua Inglesa.
- 2006. UEM. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Professor Assistente de Literaturas de Língua Inglesa.
- 2006. USP. Universidade de São Paulo. São Paulo. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Cargo de Professor Doutor de Língua Inglesa.
- 2003. UFPR. Membro da Comissão Julgadora do Processo Seletivo para professor substituto na disciplina de prática de ensino de línguas estrangeiras.
- 2003. UNIBRASIL. Curitiba. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Professor Assistente de Língua Inglesa
- 2002. UEL. Universidade Estadual de Londrina. Londrina. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Provimento do Cargo de Professor Assistente de Língua Inglesa.
- 2002. UFPR. Curitiba. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público de Provas e Títulos para Magistério Superior na Classe de Professor Adjunto de Língua Inglesa.

Outras participações

- Membro de Comissões Avaliadoras internas de estágio probatório
- Membro da Comissão Julgadora do Troféu Gralha Azul de Teatro. 2002. Fundação Teatro Guaíra. Curitiba.

Esta experiência foi muito diferente das outras em minha carreira. Ocupar a posição de “crítica teatral” não foi a mesma coisa que escrever artigos acadêmicos sobre textos dramáticos... Durante um ano fiquei em contato freqüente com artistas curitibanos, e tive um calendário intenso de peças teatrais para assistir e avaliar. Uma vez por mês a comissão (composta por dramaturgos, figurinistas, cenógrafos, atores, professores de teatro) se reunia para discutir os espetáculos assistidos e,

no final do ano, tivemos uma reunião de dia inteiro para dar notas e classificar os candidatos ao prêmio. Explicar e argumentar sobre os critérios utilizados para considerar boas ou más as peças assistidas foi um grande aprendizado.

VI. PESQUISA

1. LINHAS DE PESQUISAS ATUAIS

Construções de alteridade
 Ensino/aprendizagem de Línguas e Literaturas Estrangeiras
 Formação de professores de línguas estrangeiras
 Letramento Crítico e Multiletramentos
 Teorias de aquisição de segunda língua
 Internacionalização do Ensino Superior

2. PROJETOS DESENVOLVIDOS

- **PARANÁ-ELT.** Programa desenvolvido entre os anos de 2001 e 2004 pela Secretaria de Educação do Paraná em parceria com o Conselho Britânico e financiamento do Banco Mundial.

Participei como formadora de professores em todas as etapas do programa, tendo integrado o conselho consultivo do programa, ministrado oficinas e cursos, preparado material didático.

- **DIRETRIZES CURRICULARES ESTADUAIS para línguas estrangeiras.**

Este trabalho de consultoria envolveu bem mais do que uma consultoria em si. Em parceria com Telma Gimenez, Eliana Edmundo, Dirceu José de Paula (todos da língua inglesa, a primeira docente formadora de professores da UEL, e os segundos, ambos professores da rede pública estadual do Paraná), finalizamos o trabalho com a parceria de outros 4 professores de espanhol. Organizamos e realizamos dois seminários, cada um com cerca de 100 técnicos dos vários NRE do Estado, bem como redigimos o que ficou conhecido como “versão preliminar” das DCE-PR para línguas estrangeiras no ensino fundamental. Esta versão foi publicada em cadernos para distribuição interna na SEED, juntamente com as DCE das outras disciplinas da grade curricular do ensino fundamental, e mais tarde, com a troca de governo e a execução de novas Diretrizes, trechos dela foram aproveitados para a versão das DCE para a Educação Básica, englobando ensino fundamental e médio.

- **PROJETO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, EDUCAÇÃO CRÍTICA, NOVOS LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS.** Grupo de pesquisadores de cerca de 25 IES nacionais, liderado pelos professores doutores Walkyria Monte Mór e Lynn Mario Trindade Menezes de Souza. Esse projeto é também um grupo de pesquisa cujas atividades vão além de encontros para leitura e discussão de textos. Com agenda de encontros presenciais anuais, o projeto tem produzido cursos em diferentes locais do país, tanto em nível de pós graduação como extensão, além de publicações conjuntas e projetos locais para formação continuada de professores.

Participar deste grupo, que tem crescido muito desde seu início, foi e é uma honra e motivo de grande felicidade para mim. Graças ao convívio no grupo tive e tenho a oportunidade de entrar em contato com docentes e discentes de várias partes do Brasil, e as trocas que estabelecemos têm representado enorme crescimento profissional para mim. Especialmente em seus primeiros anos de existência, época em que me sentia bastante solitária em termos de desenvolvimento de práticas de formação de professores dentro do meu departamento na UFPR, o grupo foi uma salvação do isolamento a que me via confinada.

- **ÉTICA NA INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR.** Esta pesquisa se propôs a examinar maneiras pelas quais diferenças epistêmicas, letramento transnacional e noções de cidadania global e de responsabilidade social estavam sendo construídos em processos de internacionalização do Ensino Superior, incluindo políticas oficiais e percepções de docentes, estudantes e administradores engajados em processos de internacionalização ao redor do mundo. A equipe de pesquisa contou com docentes de ensino superior de mais de 25 universidades em quatro continentes. Os pesquisadores formavam uma equipe multidisciplinar, envolvendo as áreas de ciência educacional, formação de professores, linguística, filosofia, administração, geografia, sociologia, development studies, estudos indígenas e teoria política. O projeto foi sediado e financiado pela Universidade de Oulu, na Finlândia, coordenado pelo grupo de pesquisa Education, Ethics, Diversity and Globalization (EDGE) liderado por Vanessa de Oliveira Andreotti. Neste projeto trabalhei em parceria direta com Lynn Mario T.M. de Souza.

A experiência obtida na relação com pesquisadores de áreas e formações bastante diversas, assim como o contato com realidades acadêmicas e práticas de internacionalização bastante diferentes entre si contribuiu muito para que eu aprendesse a construir um mundo acadêmico ainda mais plural do que aquele que eu costumava acreditar que existisse. Foi particularmente fascinante para mim observar a centralidade da escrita que se evidenciou em um de nossos encontros, no qual o pesquisador encarregado de levantar as políticas institucionais das diferentes universidades parceiras disse que no Brasil não havia políticas de internacionalização nas universidades. Parecia haver, em relação às duas IES envolvidas no Brasil, USP e UFPR, um silenciamento diante do qual tivemos que lutar por alguns encontros mais, a fim de fazer entender que políticas não precisavam ser ESCRITAS para existirem: práticas institucionais, mesmo quando não registradas por escrito em documentos oficiais, também constituem políticas e este foi o entendimento que tentamos construir no grupo. O grupo já se desfez, as pesquisas foram concluídas, USP e UFPR apareceram descritas como tendo políticas de internacionalização, mas ainda não me parece que tal entendimento de políticas tenha sido assimilado pelos pesquisadores do grupo em geral.

3. OBTENÇÃO DE BOLSAS/AUXÍLIOS EM INSTITUIÇÕES DE FOMENTO À PESQUISA

1998 - Recebi bolsa integral da CAPES para meu doutoramento, de 1998 a 2001, e durante este período também da CAPES uma bolsa para doutorado sanduíche, cursado na Universidade de Tecnologia de Sydney, na Austrália, sob supervisão do prof. Dr. Alastair Pennycook

2001 - Ao término do doutorado, recebi auxílio recém-doutor da Fundação Araucária no Paraná, o que possibilitou a aquisição de equipamentos permanentes para uso comunitário na Universidade Federal do Paraná.

2007 - Recebi bolsa para pós-doutoramento da CAPES, o que me possibilitou realizar pesquisa durante um ano em Winnipeg, Canadá, em parceria com a prof^a Dr^a Diana Brydon

2013 – Bolsa da CAPES para estágio pós-doutoral, quando trabalhei na York University em Toronto, Canadá, com o prof. Dr Brian Morgan.

2018 – Bolsa Produtividade em Pesquisa, nível 2, do CNPq

2018 – Auxílio financeiro da CAPES para a realização do FICLLA 2018, evento cuja idealização e organização foram lideradas por mim e que será comentado no final deste memorial, na seção sobre EXTENSÃO. Pela primeira vez recebi um “cartão pesquisador” e uma certa autonomia para as despesas relacionadas à organização do evento. Utilizei os recursos com uma sensação de extrema responsabilidade e cuidado – busquei, com o auxílio da comissão organizadora, formas de uso absolutamente transparentes e senti o peso de gerenciar verba pública num montante que para mim foi bastante alto (pouco mais de R\$ 30 mil). Também me senti recompensada ao receber esses recursos, pois interpretei a concessão como um ato de confiança da CAPES.

4. PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE ESTUDOS

- *Atualmente sou líder de um grupo de pesquisa registrado no CNPq sob o nome "Identidade e Leitura"- este grupo tem estado ativo desde que foi criado por mim em 2003, produzindo trabalhos acadêmicos em nível de mestrado e doutorado, bem como publicações em livros e revistas científicas. Os estudos feitos pelo grupo têm envolvido o pensamento de autores como Stuart Hall, Michel Foucault, Homi Bhabha, Cope & Kalantzis, Brian Street, Paulo Freire e Menezes de Souza, para citar alguns. Nossas reflexões sempre se voltam às relações entre as teorias estudadas e questões de ensino-aprendizagem de línguas pensadas em termos da função social das línguas em contextos locais e globais, e seu papel no processo de construção de sentidos nas sociedades.*

- *Sou membro também de um grupo de pesquisa do CNPq chamado "Novos Letramentos, Multiletramentos e o Ensino de Línguas Estrangeiras" com a participação de docentes pesquisadores de 25 diferentes IES brasileiras, mencionado acima no item PROJETOS.*

5. PUBLICAÇÕES

Antes de passar aos comentários sobre as publicações realizadas, parece importante frisar que minha motivação para escrever e publicar, para além da pontuação no programa de pós-graduação, está principalmente em me aproximar dos professores e de seus contextos de exercício profissional. Encontro muito prazer em escrever, e em encontrar virtual e pessoalmente meus leitores.

a. Livros

- **Devaneios em Atas: distopias teóricas nos multiletramentos e inglês como língua franca. Campinas: Pontes, 2018.**



Esse livro resultou das discussões realizadas pelo grupo de pesquisa Identidade e Leitura, atualmente liderado por mim e por meu colega Eduardo Henrique Diniz de Figueiredo. Identificamos uma preocupação, entre os membros do grupo, com a sisudez do discurso acadêmico em geral, e com a distância entre os textos que líamos e seu alcance para pessoas que não tivessem oportunidade de discutir tais leituras. Então, com o objetivo de possibilitar a transcontextualização das teorias que líamos para espaços distópicos, criados por nossa imaginação, tomamos para nós a empreitada de narrativizar os textos teóricos em contextos diferentes dos da academia. Assim, construímos espaços de prática escrita aos quais trouxemos nossos entendimentos dos textos acadêmicos que lemos e discutimos no grupo de pesquisa – nesses espaços colocamos as teorias em prática, imaginamos seus desdobramentos e criamos nossas próprias interpretações das teorias. Os textos produzidos, embora tenham autoria individual, foram compartilhados com os outros autores desde suas primeiras versões, e discutidos no grupo todo, tanto em termos do formato e estrutura de cada texto, quanto em termos de sua relação com as teorias que os inspiraram.

Vale ressaltar, ainda, que os professores Kanavilil Rajagopalan e Lynn Mario T. M. de Souza receberam pronta e entusiasticamente nosso convite para escreverem o prefácio e o posfácio, o que nos estimulou ainda mais para a realização do livro.

Posso dizer, seguramente, que conceber e organizar esse livro foi um dos processos acadêmicos mais gratificantes da minha carreira.

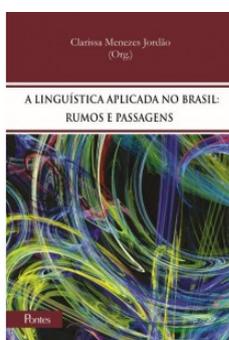
- **Letramentos em Prática na Formação Inicial de Professores de Inglês.** Campinas: Pontes, 2018. Organizado com Juliana Zeggio Martinez e Walkyria Monte Mór.

A concepção deste livro se deu durante o encontro do grupo de pesquisa do Projeto Nacional de Formação de Professores em 2016, quando lancei ao grupo a proposta de escrevermos textos descrevendo e analisando nossas práticas de sala de aula, a fim de dialogarmos com a crítica constantemente feita ao nosso trabalho como sendo teoricamente possível, mas difícil de implementar na prática. Convidei os colegas que sentiam poder enfrentar o desafio a me enviarem textos descrevendo uma atividade ou sequência didática que tivessem desenvolvido em suas salas de aula, ou imaginado como viável em suas práticas profissionais de formação inicial, ressaltando em sua análise o que de letramento crítico e multiletramentos eles percebiam no processo de sua execução em sala de aula. Juliana Martinez e Walkyria Monte Mór se dispuseram a compartilhar comigo a tarefa de organização da obra.



Após recebermos a primeira versão dos textos, enviamos cada texto a dois autores ou duas autoras de outros textos que comporiam a obra, solicitando que fizessem comentários sobre o conteúdo do texto de modo a instigar a reflexividade e conversar sobre aspectos relevantes do texto que estavam lendo. Recebidos os comentários, enviamos os textos de volta a seus respectivos autores, solicitando que comentassem os comentários. Então as organizadoras fizeram a leitura de todos os textos, sugerindo por vezes mais comentários. Os textos foram uma vez mais retornados a seus autores, com a solicitação de que selecionassem até dois comentários, com suas “respostas”, a serem mantidos na versão final do livro. Assim, no livro aparecem pelo menos dois comentários de discussão em cada capítulo, escolhidos por seus autores para permanecerem no texto.

- **A Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens.** Campinas: Pontes, 2016.

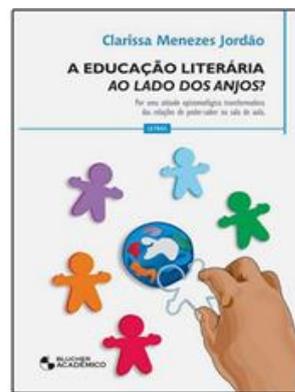


Comecei a organizar esse livro juntamente com meu colega Kleber Aparecido, da UnB. Durante a finalização da coletânea, ele sofreu um processo de acusação por suposto plágio, e entrou em

depressão profunda. Diante disso, eu finalizei sozinha a organização do livro. Agradeço imensamente ao Kleber pela oportunidade, e destaco que o livro tem sido parte de programas de várias disciplinas e exames de seleção para entrada em programas de pós-graduação pelo país.

- **A Educação Literária Ao Lado dos Anjos: imposição e resistência na construção de sentidos.** São Paulo: Blucher, 2011.

Este livro é resultado de uma nova leitura da minha tese de doutorado defendida em 2001. Dez anos depois, resolvi retomar as reflexões sobre o ensino de literatura, revisar a tese e publicá-la. Foi um trabalho bastante estimulante reler o texto produzido como relato de pesquisa há tanto tempo, e depois de tantas outras leituras que realizei. Embora não tenha havido grandes transformações no que eu defendia então e defendo hoje para o ensino, especialmente de literaturas, o novo embasamento teórico e minha experiência de sala de aula – particularmente com formação de professores, que na época do doutorado ainda era pequena – construíram atitudes que talvez possam ser consideradas mais plurais e menos dogmáticas. Foi com este espírito que revisei o texto da tese nesta publicação.



- **Formação “desformatada”: práticas com professores de língua inglesa.** Campinas: Pontes, 2011. Com Juliana Zeggio Martinez e Regina Célia Halu, ambas minhas colegas de departamento hoje.

Organizar este livro foi como fechar um capítulo importantíssimo da minha formação como formadora de formadores. No ano de 2008/2009 coordenei um curso para formadoras de professoras do NAP- Universidade Federal do Paraná, no qual nos propusemos a estudar e discutir teorias de currículo de formação continuada, principal atividade do NAP, nosso espaço de trabalho conjunto.



Na época, passávamos por uma reestruturação das atividades do NAP, e tínhamos o desejo de abandonar a estrutura seqüencial e controladora de cursos de língua que adotávamos para a formação continuada, em prol de construirmos um espaço mais democrático e colaborativo tanto entre nós, formadoras, quanto com os professores da rede pública que

buscavam nossos cursos. Este livro surgiu de nossas inquietações durante o processo de busca por uma estrutura mais aberta e flexível, na qual os participantes pudessem ter liberdade para negociar seus percursos. O livro apresenta também uma estrutura diferenciada das publicações acadêmicas mais tradicionais: à guisa de posfácio, por exemplo, traz uma palestra transcrita; apresenta como documento entrevistas gravadas em áudio e transcritas e cedidas por Halu, uma das organizadoras, com a autorização das entrevistadas; abre com uma “carta de princípios”, documento extra-oficial que orienta as atividades do NAP-Universidade Federal do Paraná. É assim um livro original, que conta com textos elaborados pelas tutoras do NAP e problematizadores de suas práticas como formadoras. Foi um grande prazer organizar esta obra.

- **Fundamentos do Texto em Língua Inglesa II.** 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009. v. 1. 292 p. Com Juliana Zeggio Martinez.

Este livro foi particularmente diferente dos outros textos que escrevi: ele é um livro acadêmico e didático ao mesmo tempo. Os diferentes capítulos, dirigidos a alunos de graduação em Letras, tratam de questões teóricas profundas, como a epistemologia pós-moderna, o conceito foucaultiano de discurso, a relação entre língua e poder, e são acompanhados por atividades reflexivas e sugestões de leituras.

O desafio de “escrever” minhas aulas e discuti-las com a colega co-autora foi bastante instigante e se transformou em um espaço de grande aprendizagem. Cada um dos capítulos escritos foi então traduzido para outra mídia e transformado em vídeo-aulas, outra experiência bastante instrutiva – participei não apenas do processo de preparar os roteiros para gravação e gravar as aulas em si (tendo que repetir muitas vezes trechos das aulas devido a barulhos no estúdio ou problemas com o cenário, retomar o raciocínio perdido como se jamais tivesse sido interrompido, imaginar a presença de alunos no estúdio vazio), como também acompanhei o diretor de cena e de edição em seu trabalho, a fim de entender melhor o processo de produção de aulas na educação a distância. Foi uma atividade bastante estimulante.



- **Orientações Pedagógicas para o Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas.** 1. ed. Curitiba: SEED, 2006. Com Eliana Edmundo e José Dirceu de Paula.

Como resultado de um trabalho de consultoria para a elaboração de diretrizes curriculares de línguas estrangeiras no ensino fundamental para a Secretaria Estadual de Educação (2004-2006), veio o convite para elaborar material didático a partir destas diretrizes. Juntamente com dois professores da rede estadual e um colega de departamento, construímos uma abordagem pedagógica juntamente com o material didático. Infelizmente, na troca de governo e com mudanças de cargos

internos na Secretaria Estadual de Educação, o material já diagramado e pronto para impressão desapareceu. Tentamos, durante 3 anos, obter a liberação dos direitos de uso cedidos à Secretaria, a fim de podermos divulgar a cópia que ficou conosco. No entanto, teríamos que abrir um processo na justiça para talvez conseguir, o que decidimos não fazer, especialmente porque meus co-autores ainda trabalham na Secretaria e consideraram que seria muito ruim para o ambiente de trabalho deles ter um processo aberto na justiça comum contra a Secretaria.

- **Perspectivas Educacionais e o Ensino de Inglês na Escola Pública.**

Pelotas: EDUCAT, 2005. Com Vanessa Andreotti e Telma Gimenez
Este livro teve contribuições de diferentes pesquisadores sobre o ensino de inglês em escolas públicas no Brasil, em capítulos nos quais os autores apontam suas sugestões para a melhoria da aprendizagem desta língua. Escrever a introdução a seis mãos foi uma experiência bastante instigadora, já que as organizadoras tínhamos concepções diferentes e precisávamos negociar os sentidos pretendidos constantemente.

b. Capítulos de livros

Nesta seção, assim como na seguinte, referente a artigos publicados, comento e/ou apresento o resumo apenas de uns poucos textos, que considero mais significativos no meu processo como autora.

- Uma Jornada Crítica em Retrospecto, ou de como se respira no mar. In: Rosane Rocha Pessoa; Viviane Pires Viana Silvestre; Walkyria Monte Mór (Orgs.). **Perspectivas Críticas de Educação Linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês.** Parábola, 2018, p. 69-80.
- ELF and Critical Literacy in Teacher Education: shaking off some good(??) old(??) habits. In: Telma Gimenez; Michele Salles El Kadri; Luciana Cabrini Simões Calvo (Orgs.). **English as a Lingua Franca in Teacher Education A Brazilian Perspective.** De Gruyter, 2018, p. 53-68.

Escrito em co-autoria com meu então doutorando Anderson Nalevaiko Marques. Nesse texto colocamos em prática, na escrita, discussões que tivemos sobre pós humanismo e inglês como língua franca/internacional. Foi um belo desafio que resultou num texto publicado por uma editora internacional e que, sem o contato direto com os autores, infelizmente não será acessível para a maioria dos pesquisadores brasileiros devido ao altíssimo custo da obra.

- Intelligibility, mimicry and internationalization: localized practices in higher education, or can the Global South speak?. In: Kumiko Murata. (Org.). **English-Medium Instruction from an English as a Lingua Franca Perspective.** Routledge, 2018.

Esse capítulo foi escrito a convite da organizadora da obra, que assistiu a uma comunicação coordenada da qual participei no AILA 2017. Acabei aceitando a oportunidade porque ela me disse que seria o único texto da América Latina a constar do livro – porque eu já havia decidido anteriormente que não publicaria mais em editoras internacionais devido ao custo proibitivo dos livros. Este livro também saiu com um custo altíssimo.

- No Tabuleiro da Professora Tem... Letramento Crítico?. In: Dánie Marcelo de Jesus; Divanize Carbonieri. (Orgs.). **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas.** Pontes Editores, 2016, p. 41-56.
- TEFL as Hydra: rescuing Brazilian teacher educators from “privilege”. In: Pauline Bunce; Robert Phillipson; Vaughan Rapatahana; Ruanni Tupas. (Orgs.). **Why English? Confronting the Hydra.** Multilingual Matters, 2016, p. 255-266.

Escrever esse texto foi bastante interessante, especialmente pelo contato trocado com os editores e os outros autores. O livro seria publicado inicialmente por uma certa editora internacional que, durante a elaboração dos textos contratou novos diretores. Estes, por sua vez, informaram os organizadores que só publicariam nosso livro mediante a retirada de um dos capítulos, cujo teor consideraram ofensivo e anti-ético. Tratava-se do capítulo que apresentava depoimentos de mulheres asiáticas que se diziam assediadas por seus instrutores de inglês native speakers, fazendo uma relação que me parece absolutamente pertinente entre os casos relatados e a idolatria a falantes nativos nas práticas de ensino de inglês. Os organizadores comunicaram a decisão da editora a todos os autores, posicionando-se contrários à retirada do capítulo mas colocando-se a nossa disposição caso decidíssemos por continuar na editora. Nenhum dos autores escolheu ficar. Discutimos a questão por email, e acabamos recorrendo à Multilingual Matters, que acabou por publicar a obra integralmente.

- Entre as Aspas da Fronteira: internacionalização como prática agonística. In: Cláudia Hilsdorf-Rocha; Denise Bértoli Braga; Raquel Rodrigues Caldas. (Orgs.). **Políticas Linguísticas, Ensino de Línguas e Formação Docente: desafios em tempos de globalização e internacionalização.** Pontes, 2015, p. 61-88.

Escrito em co-autoria com Juliana Martinez, então doutoranda e minha colega de departamento, enquanto estávamos as duas em Toronto, Canadá – eu em pós doutoramento e ela em doutorado sanduíche na University of British Columbia mas passando uns dias em Toronto para fazer parte de sua pesquisa de campo. Foram dias muito intensos de troca e desafios para pensar sobre agonismo no ambiente da internacionalização do ensino superior, numa época que considero o ápice do programa Ciência Sem Fronteiras. O texto teve bastante

repercussão no Brasil, sofrendo críticas ressentidas de pessoas envolvidas com o Inglês Sem Fronteiras, que estava recém sendo criado. Tais críticas vieram, provavelmente, do entendimento de que não se devem apontar problemas em programas dessa magnitude, pois com elas eles correriam o risco de serem extintos. No entanto, não creio que nosso texto deixasse espaço para a possibilidade de estarmos pedindo o cancelamento dos programas: pelo contrário, pedíamos a sua melhoria. Mas, evidentemente, não somos donos dos sentidos que produzimos, e sempre me interessou escrever textos que viram espaços polêmicos, pois isso me permite rever posições e me relacionar com leituras diferentes.

- Identidades e Letramentos em Discurso. In: Araújo, Julio; Silva, Kleber Aparecido da. (Orgs.). **Letramentos, discursos midiáticos e identidades: novas perspectivas**. Pontes, 2015, v. 1, p. 17-42.
- (Des)conforto nas práticas de professores de inglês. In: Zacchi, Vanderlei; Stella, Paulo Rogério. (Orgs.). **Novos Letramentos, Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa**. 1ed.Maceió: EDUFAL, 2014, v. , p. 21-52.

Escrito com Juliana Martinez e Regina Halu, este texto foi resultado de nossa participação no Projeto Nacional de Letramentos e Multiletramentos na Formação de Professores. Os colegas organizadores nos convidaram, na qualidade de coordenadoras do centro da UFPR participante do Projeto Nacional, a escrevermos sobre nossas experiências como formadoras de professores. Nem é preciso comentar que escrever a seis mãos foi desafiador, e ao mesmo tempo muito gratificante. O texto demorou bastante para ser finalizado, pois rememorávamos constantemente episódios das práticas desenvolvidas em colaboração e tentávamos imprimir coerência a eles em nossa própria formação. Quando desistimos dessa coerência o texto passou a fluir.

- Brazilian teacher education: decolonizing the 'local south'. In: Stella, Paulo Rogério; Cavalcanti, Ildney; Tavares, Roseanne; Ifa, Sérgio. (Orgs.). **Transculturalidade e De(s)colonialidade nos Estudos em Inglês no BraZil**. EDUFAL, 2014,p. 227-256.
- Letramento Crítico, Inglês como Língua Internacional e Ensino: as marés do PIBID-Inglês da UFPR. In: Mateus, Elaine; El Kadri, Michele Salles; Silva, Kleber Aparecido da. (Orgs.). **Experiências de formação de professores de línguas e o PIBID: contornos, cores e matizes**. Pontes, 2013, p. 21-48.
- Abordagem comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico: farinhas do mesmo saco?. In: Hilsdorf Rocha, Claudia; Maciel, Ruberval. (Orgs.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã: entre discursos e práticas**. Pontes, 2013, v. 1, p. 37-54.

Esse texto está entre meus textos com mais repercussão – até hoje pessoas me encontram e comentam sobre ele. Ele foi escrito com o duplo intento de primeiro esclarecer uma confusão que me incomodava: tomar pedagogia crítica e letramento crítico como a mesma coisa; parecia que se entendia que letramento crítico era uma espécie de nome mais contemporâneo para a pedagogia crítica. Segundo, entender como a abordagem comunicativa se relacionava com as perspectivas da pedagogia crítica e do letramento crítico. Assim, escrevi um texto para falar com professores concretos, dialogando com as questões que tinha recebido de várias pessoas quando trabalhava com professores de inglês em formação continuada. O texto, perigosamente, reduz a complexidade em busca de clareza. Entendo que esse perigo, mesmo que eu tenha explicitamente alertado meus leitores quanto a ele, pode dar a impressão de que a distinção entre os três elementos do título seja simples, direta, objetiva, clara. Mas decidi correr o risco. Valeu à pena.

- Letramento Crítico: complexidade e relativismo em discurso. In: Luciane Calvo, Michele El-Kadri, Denise Ortenzi e Kleber Aparecido da Silva (Orgs.). **Reflexões sobre Ensino de Línguas e Formação de Professores no Brasil**. Pontes, 2013, p. 351-371.
- Conversa com Clarissa Menezes Jordão. In: Kleber Aparecido da Silva e Rodrigo Camargo Aragão (Orgs.). **Conversas com Formadores de Professores de Línguas: avanços e desafios**. Pontes, 2013, p. 77-91.
Este formato de livro me agrada muito – a possibilidade de conversar com colegas a respeito de questões bastante práticas de nosso exercício profissional foi muito produtiva.
- Formação Docente Universitária na Universidade Federal do Paraná. In: Lorenzatti, Maria del Carmen. (Org.). **Construcción Cooperativa de Políticas e Estrategias de Formación de Docentes Universitarios en la Región**. Universidad Nacional de Córdoba, 2012, v. 1, p. 105-122.
Escrito com as colegas de departamento Regina Darriba Rodrigues e Josele Coelho, ambas da área de Espanhol, esse texto foi resultado de nossa participação no grupo que discutia formação docente no Mercosul. Tivemos algumas reuniões presenciais com o grupo inteiro, ao qual me reuni apenas em duas ocasiões, em Buenos Aires e em Córdoba, já no final do trabalho da equipe. As discussões eram lentas, pois muitos tratavam de seus contextos como se fossem familiares a todos, e a dificuldade de se fazer entender ia muito além de estarmos falando espanhol ou português. Isso reforçou minha constatação de que existe muito mais na comunicação, mas muito mais mesmo, do que as formas linguísticas verbais.
- Práticas de Sala de Aula de Inglês: aprender em comunidade. In: Clarissa Menezes Jordão, Juliana Zeggio Martinez e Regina Célia Halu (Orgs.).

Formação "Desformatada": práticas com professores de língua inglesa. Pontes, 2011, p. 93-106.
Escrito com Regina Halu.

- A posição do inglês como língua internacional e suas implicações para a sala de aula. In: Luciane Calvo, Michele El-Kadri, Telma Gimenez (Orgs.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores.** Pontes, 2011, p. 221-252.
- Da Educação literária. In: Thomas Bonnici et al (Orgs.). **Margens Instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura.** EDUEM, 2011, p. 287-296.

Este foi um dos textos mais prazerosos de escrever que produzi até hoje; é um texto descontraído, que aparece a guisa de epílogo de um livro com textos de análise e crítica literárias. Ele surge como uma espécie de chamamento para questões voltadas ao ensino de literatura e o trabalho com textos literários em sala de aula, interpelando o leitor diretamente num tom que mescla a seriedade acadêmica com a irreverência do humor.

- EFL teaching, critical literacy and citizenship: a happy love triangle? In: Telma Gimenez e Susan Sheehan (Eds.) **Global citizenship in the English language classroom.** British Council, 2008, p. 20-28.

Escrito em co-autoria com meu colega de departamento Francisco Carlos Fogaça, este texto foi publicado em livro distribuído gratuitamente em vários países do mundo pelo Conselho Britânico. O texto apresenta, para o público de língua inglesa, um projeto de produção de material didático desenvolvido em parceria com um colega formador de professores e com a Secretaria Estadual de Educação. Neste projeto, além de produzirmos material didático (cujos direitos de uso são da SEED-PR e infelizmente não foram ainda publicados), elaboramos também sugestões de procedimentos pedagógicos aos professores. Estes procedimentos são descritos e justificados neste texto. O projeto está comentado em mais detalhes neste memorial na seção que trata da extensão (item IX, atividades relacionadas à extensão de serviços à comunidade).

- O Ensino de Línguas Estrangeiras - de código a discurso In: VAZ BONI, V. (org.) **Tendências Contemporâneas no Ensino de Línguas.** Kaygangue, 2006.
- Agir brandindo a espada e fomentando o caos? A educação em tempos pós-modernos. In: Telma Gimenez, Clarissa Menezes Jordão e Vanessa Andreotti. (Orgs.). **Perspectivas Educacionais e o Ensino de Inglês na Escola Pública.** EDUCAT, 2005, p. 23-36.
- O Professor de Língua Estrangeira e o Compromisso Social. In: Vera Lúcia Lopes Cristóvão e Telma Gimenez (Orgs.). **ENFOPLI: construindo**

uma comunidade de formadores de professores de inglês. ArtGraf, 2005.

- A construção do sujeito na educação literária: um passeio pela crítica literária e os papéis do bom leitor. In: Lêda Tomich, Maria Helena Abrahão, Carlos Daghlian e Dilvo Ristoff (Orgs.). **Literaturas de Língua Inglesa: Visões e Revisões.** Insular, 2005, p. 231-244.

Este texto é o tradicional texto resumo de tese. Ele trata da relação entre movimentos da crítica literária e a formação das identidades dos leitores em sala de aula, especificamente aquelas dos alunos de literatura em situações formais de aprendizagem. Após a identificação das posições atribuídas a alunos leitores em diferentes perspectivas de literatura e educação literária em movimentos da crítica literária no mundo anglófono canônico do século passado, como a Nova Crítica (formalismo) e a Teoria da Recepção (Stanley Fish), abordo algumas relações possíveis entre a educação literária no Brasil e as idéias propagadas nos primórdios da institucionalização da literatura inglesa no sistema educacional inglês (Matthew Arnold) e na institucionalização da crítica literária (T.S.Eliot) na Inglaterra.

- A Língua Inglesa como 'Commodity': direito ou obrigação de todos?. In: Joana Romanowski et al. (Orgs.). **Conhecimento Local e Conhecimento Universal.** Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2004, p. 287-295.
- No Brasil não desenvolvemos o habitus da leitura?. In: Telma Gimenez (Org.). **Ensinando e aprendendo inglês na universidade: formação de professores em tempos de mudança.** EDUEL, 2003, p. 345-353.
- Literary Education, Critical Pedagogy and Postmodernity. In: Marisa Grigoletto e Anna Maria Carmagnani (Org.). **Inglês como Língua Estrangeira: identidades, práticas e textualidade.** Humanitas, 2001, p. 55-66.

-

c. Artigos publicados em periódicos

- Entrevista com Clarissa Jordão. *Revista X*, v. 12, p. 187-195, 2017.
- Decolonizing identities: English for internationalization in a Brazilian university. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 16, p. 191-209, 2016.
- ILA - ILF - ILE - ILG: quem dá conta? *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, p. 13-40, 2014.

Tenho tido reações muito positivas a esse texto, no qual exploro conotações da série de siglas que têm sido usadas em referência a

estudos e concepções de inglês como língua franca. Diversas pessoas citam e comentam o texto, ressaltando a relevância dele em seus estudos.

- English as a Global Lingua Franca in Brazil. *SPELT Quarterly Journal*, v. 29, p. 2-19, 2014.

Esse texto, escrito em co-autoria com minha orientanda de doutorado Nelza Mara Pallú, foi “encomendado” por um colega que assistiu a uma apresentação minha num congresso, e foi publicado na revista de uma associação de professores de inglês no Iraque.

- Tradition and difference: can mainstream academic discourse in Applied Linguistics ever change? *International Journal of Applied Linguistics*, v. 25, p. n/a-n/a, 2014.

- A Condição de Aluno-Professor de Língua Inglesa em Discussão: estágio, identidade e agência. *Educação e Realidade*, v. 38, p. 669-682, 2013.

Esse texto foi escrito em co-autoria com minha orientanda de doutorado Edina Cabral Buhner, atualmente fazendo pesquisa de pós doutoramento comigo. Nele tratamos da condição de hibridismo das identidades, especialmente na situação de estágio curricular supervisionado, o que parece ter tido uma excelente repercussão – é um dos textos que vejo bastante referenciados em teses, dissertações e outros artigos que me caíram em mãos.

- Desvincular o inglês do imperialismo: hibridismo e agência no inglês como língua internacional. *Versalete*, p. 278, 2013.

Esse artigo atendeu a uma solicitação da então editora da Revista Versalete, do curso de graduação em Letras em que leciono, para que eu escrevesse algo voltado para alunos de graduação e colegas, como forma de disseminar localmente minha pesquisa na época.

- Carvalhos, juncos, árvores e rizomas: paradigmas na formação de professores. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 12, p. 493-510, 2012.

Em co-autoria com meu colega de departamento Francisco Carlos Fogaça, esse texto foi resultado de nossas discussões no grupo de pesquisa Identidade e Leitura, do qual Francisco fazia parte na época, tendo mais recentemente se desligado do grupo para liderar seu próprio grupo de pesquisa. Esse texto também ainda tem bastante repercussão, pois fala diretamente a professores de inglês que se perguntam sobre formas de materializar questões teóricas apresentadas nas perspectivas pós, dentro das quais incluímos a visão rizomática que discutimos nesse texto.

- Critical literacy in the English language classroom. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)*, v. 28, p. 69-87, 2012.

Aqui, outra parceria neste texto em co-autoria com meu colega Francisco Carlos Fogaça – desta vez apresentamos atividades desenvolvidas em sala de aula de inglês dentro do que consideramos uma perspectiva crítica.

- New designs for new identities: Are we going anywhere? *Critical Literacy: theories and practices*, v. 5, p. 36-44, 2011.
- Epistemofagia transformadora: saberes locais e inclusão no ensino superior brasileiro. *Educação em Revista* (UFMG. Impresso), v. 27, p. 249-276, 2011.
- A posição de professor de inglês no Brasil: hibridismo, identidade e agência. *Letras & Letras* (Universidade Federal de Uberlândia), v. 26, p. 427-442, 2010.

Este texto aborda a construção de (des)identificações em torno da posição de professor de inglês no Brasil a partir de um referencial teórico pós-estruturalista, usado para refletir sobre questões voltadas ao ensino/aprendizagem de inglês como língua internacional.

- Perspectivas Teóricas na Aquisição/ Aprendizagem de Línguas na Contemporaneidade. *Luminária* (Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória), v. 10, p. 34-39, 2009.
Em co-autoria com Valéria Vaz Boni.
- Língua, cultura e letramentos: reflexões sob o olhar de um tigre. *Acta Scientiarum: Language and Culture* (Universidade Estadual de Maringa) v. 31, p. 231-232, 2009.
Resenha em co-autoria com Regina Célia Halu.
- English as a foreign language, globalisation and conceptual questioning. *Globalisation, Societies and Education* (Routledge) v. 7, p. 95-107, 2009.
- Identidade e Leitura: (des)identificação na construção de sentidos. *Revista X* (Universidade Federal do Paraná), v. 1, p. i-ix, 2008.
- O Poder de Foucault na Sala de Aula. *Revista X*, v. 1, p. 17-24, 2008.
Em co-autoria com Laura Amato, minha orientanda de doutorado na época e hoje professora na Universidade da Integração Latino-Americana, a UNILA
- Reading the World as Social Practice: Conceptual Questioning as a Tool for Enhancing Critical Literacies. *English Quarterly* (Canadian Council of Teachers of English Language Arts), v. 39, p. 2-21, 2008.

Este texto foi escrito a convite de uma colega da Universidade de Manitoba, quando lá fazia minha pesquisa de pós-doutoramento. A

então editora do English Quarterly assistiu a uma fala que fiz na Universidade e pediu que eu a colocasse em formato de artigo para divulgar junto aos leitores da revista.

- A postcolonial framework for teachers' social identities. *Matices en Lenguas Extranjeras* (Universidad Nacional de Colombia), v. 2, p. 1-15, 2008.
- South-North Dialogue on Globalization Research: a non-typical Brazilian perspective. *Globalization and Autonomy* (SSHRCC Major Collaborative Research Initiative on Globalization and Autonomy, Canada), v. 1, p. 1, 2008.
- Concepções de Leitura e Práticas Escolares. *Cadernos de Letras* (UFRJ), v. 24, p. 167-179, 2008.

Texto escrito com minhas orientandas de iniciação científica Letícia Martins e Juliana Passos – foi um grande prazer trabalhar nesse texto com elas, que estavam tendo suas primeiras experiências com escrita acadêmica. Uma delas hoje já não exerce mais atividades como professora, enquanto a outra, Juliana Passos, é minha colega no Setor de Educação Profissional e Tecnológica ministrando aulas de inglês após ter-se doutorado em estudos literários e estar conosco no grupo de pesquisa que atualmente coordeno.

- JORDÃO, C. M. ; ROMÃO, J. E. . An Interview with José Eustáquio Romão. *Language and Intercultural Communication* (Glasgow), v. 7, p. 291-295, 2007.

Entrevistar José Eustáquio Romão foi uma experiência bastante interessante. Conversei bastante com ele, por email, sobre Freire e criticidade. Pude entender melhor sua visão de Freire, essencialmente ligada à dimensão mais ativista do educador.

- Ensino de Inglês, Letramento Crítico e Cidadania: um triângulo amoroso bem-sucedido. *Línguas & Letras* (UNIOESTE), v. 8, p. 79-105, 2007.

Mais uma co-autoria com meu colega Francisco Carlos Fogaça, esse texto tem sido bastante comentado por seus leitores. A relação que fizemos entre criticidade e cidadania foi muito bem recebida e a linguagem direta parece ter agradado nossos leitores.

- As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital. *Trabalhos em Lingüística Aplicada* (UNICAMP), v. 46.1, p. 19, 2007.
- O que todos sabem.... ou não: letramento crítico e questionamento conceitual. *Crop* (FFLCH/USP), v. 12, p. 21-46, 2007.

- A Morte (e a Volta) do Leitor - ou de como usar a voz do outro para reforçar distâncias na aula de literatura. *Revista X* (Universidade Federal do Paraná), v. 2, p. 2, 2006.
- O Professor de Língua Estrangeira e o Compromisso Social. *Leitura. Teoria & Prática* (Campinas), São Paulo - SP, v. 45, p. 43-51, 2005.
- Thinking Critically of Critical Thinking: critical pedagogies revisited. *Situation Analysis* (Nottingham University). Nottingham, v. 4, p. 21-30, 2004.

Este texto, meu primeiro publicado em revista com circulação fora do Brasil, permitiu-me discutir problemas relacionados à pedagogia crítica, especialmente quando analisada sob um viés pós-estruturalista. Foi um grande desafio vencido graças à postura do editor, que não interferiu nos meus usos locais de língua e no meu estilo de escrita acadêmica.

- A epistemologia pós-moderna na educação literária. *Revista da ANPOLL*. São Paulo, v. 17, p. 55-92, 2004.
- A educação literária como espaço para transformação. *Claritas* (PUCSP), São Paulo, v. 8, n. 1, p. 135-142, 2002.
- The don't do it yourself of education: literature and heterogeneity in the classroom. Florianópolis: *Ilha do Desterro*, v. 37, p. 49-59, 2001.
- Uma Breve História da Leitura no Século XX, ou de Como Se Podem Calar as Nativas. *Revista do DACEX - CEFET/PR*, 2001.
- Critical Pedagogy and the Teaching of Literature. *Acta Scientiarum*. Maringá: UEM, v. 21, n. 1, p. 9-14, 1999.

d. Outras publicações

- ENTREVISTA sobre livros eletrônicos e a leitura no meio digital. *Revista Galileu*, Editora Globo. Novembro de 2009.

Para esta entrevista o repórter me contatou via universidade, esperando de mim uma posição conservadora, contrária à leitura em meio digital – ele reagiu com surpresa diante de minhas colocações sobre como os jovens da época “liam sim”, embora em outras mídias que não as impressas, o que demandava de nós professores um alargamento de nossas noções de leitura e conseqüentemente de construção de sentidos para mais perto da multimodalidade. O repórter, ao final da entrevista, me disse espontaneamente que tinha mudado de opinião depois da nossa conversa. Além de alunos, eu agora “doutrinava” repórteres...

- JORDÃO, C.M.; FOGAÇA, F.C. Halloween: uma proposta intercultural. *Revista Profissão Mestre* (Curitiba), setembro 2011, p.34-36.

Esse texto apresenta sugestões para o trabalho com questões culturais em sala de aula na perspectiva do letramento crítico, explorando características discursivas de textos e problematizando as celebrações de Halloween e a proposta do Dia do Saci no contexto brasileiro. Acho importante este tipo de produção ao lado das produções acadêmicas que, embora em bem maior número, tendem a atingir sempre o mesmo tipo de público. Elaborar atividades práticas para uso em sala de aula, e publicá-las em uma revista de circulação nacional foi ao mesmo tempo gratificante e assustador, porque a divulgação do texto é bem maior do que nas revistas acadêmicas, e como o público alvo é de professores, as chances de que eles tentem utilizar a atividade em suas aulas é grande, e a responsabilidade como autora aumenta.

- *Organização de número temático (dossiê) de revista acadêmica*
2008: Leitura e Identidade. *Revista X*, Universidade Federal do Paraná.
2009: Critical Literacies in Critical Times. *Critical Literacy: Theories and Practices Journal*, Centre for the Study of Social and Global Justice, University of Nottingham, UK.

6. PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS (E EVENTOS SIMILARES) E CURSOS MINISTRADOS EM OUTRAS IES.

a. Disciplinas ministradas em outras IES

- **Universidade Estadual de Londrina:** 2010. Disciplina ministrada no programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Estudos Linguísticos da UEL. Título: Letramento Crítico: complexidade e relativismo em discurso.
Nessa disciplina exploramos conceitos de letramento, criticidade, relativismo, reflexividade, complexidade, ideologia, código e discurso, discutindo suas implicações para o trabalho em sala de aula. Com base nas discussões realizadas nessa disciplina, da qual a professora Telma Gimenez participou ativamente como aluna, escrevi um texto que veio a ser publicado num livro em homenagem à ela.
- **Universidade Federal do Espírito Santo:** 2014. Disciplina ministrada no Programa de Pós graduação em Letras. Título: Tópicos Especiais – Esperando o Inesperado: letramento crítico no trabalho com linguagens.
- **Universidade Federal do Mato Grosso:** 2017. Disciplina ministrada no Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem. Título: A árvore e o rizoma – letramento crítico e o ensino de línguas.

b. Cursos de extensão/especialização fora da UFPR

- **Universidade do Estado da Bahia, em Jacobina. 2012.** Critical Literacy and the Postmethod (minicurso) e Critical Pedagogy and Critical Literacy: discourse, relativism and criticality (palestra)
No minicurso trabalhei essencialmente com alunos de graduação em Letras Inglês e professores de inglês da rede pública. Na palestra tive também docentes da UNEB. Foi muito interessante poder observar o mesmo tipo de dúvidas, perguntas e inquietações nos professores e alunos da região que tinham os professores e alunos com quem eu trabalhava no estado do Paraná.
- **Universidade Estadual de Ponta Grossa – Curso de Especialização em Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. 2004.** Disciplina ministrada. Título: Educação Pós-Moderna e o Ensino de Língua e Literatura.
- **Universidade Estadual de Ponta Grossa – Curso de Especialização em Línguas Estrangeiras. 2002.** Disciplina ministrada. Título: Educação pós-moderna e lingüística aplicada ao ensino de línguas e literaturas estrangeiras.
- **Universidade Estadual do Paraná - Faculdade de Filosofia, União da Vitória. 2002.** Disciplina ministrada. Título: Análise e Produção de Material Didático.
- **Universidade Estadual do Paraná – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas do Paraná, Campo Mourão. 2002. Curso de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa.** Disciplina ministrada. Título: Pós-modernidade e educação.
- **Prefeitura Municipal de Curitiba.**
Ministrei vários cursos para professores de inglês em formação continuada. Em 2015, fui consultora para a elaboração do Currículo do Ensino Fundamental de Inglês da Rede Municipal de Educação de Curitiba. Experiência fascinante, pois me colocou nas séries iniciais e obrigou a pensar tanto sobre a pertinência do inglês nessa fase escolar, quanto em sua relação com outras disciplinas/outros espaços de formação.
- **Prefeitura Municipal de Araucária**
Ministrei vários cursos para professores de inglês em formação continuada de 2001 a 2003.

VII. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS DE DEFESAS DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nessa seção achei relevante manter os nomes dos colegas de banca, a fim de com isso poder orientar minimamente sobre as discussões realizadas durante as sessões de defesa, momentos sempre de grande aprendizagem para mim.

1. Teses de doutorado

1.

- Com SOUZA, M.I.; MOREIRA, A. F. B.; BONAMINO, A.; PAIVA, A. R.; HORA, D., Participação em banca de Rosane Karl Ramos. O Processo de Internacionalização na Formação Continuada: o Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores - PDPP. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Com NÓBREGA, A.; LEITE DE OLIVEIRA, M.do C; VEREZA, S. C.; MILLER, I. K de. Participação em banca de Bruno de Mattos Reis. O lugar-escola em discurso: etnografia, identidade e epistemologia na pesquisa qualitativa. 2018. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Com MONTE-MOR, W.; SOUZA, L. M. T. M.; MATTOS, A. M. de A.; MACHADO, N. J. Participação em banca de Leina Cláudia Viana Jucá. Das histórias que nos habitam: por uma formação de professores de inglês para o Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação - FFLCH/USP) - Universidade de São Paulo.
- Com SOUZA, L. M. T. M.; MACIEL, R.; MONTE-MOR, W.; STELLA, P. R. Participação em banca de Juliana Zeggio Martinez. Entre fios, pistas e rastros: os sentidos emaranhados da internacionalização da Educação Superior. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Universidade de São Paulo.
- Com GIL, G.; GIMENEZ, T.; LUCENA, M.I.P.; SILVA, M.. Participação em banca de Renata Gomes Luis. The process of professional identity construction of student-teachers of English during the student teaching. 2017. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras - Inglês) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Com PESSOA, R.R.; MOR, W. M.; REZENDE, T. F.; FIGUEREDO, C. J.. Participação em banca de Viviane Silvestre. Práticas problematizadoras e de(s)coloniais na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o PIBID. 2016. Tese (Doutorado em Pós Graduação em Estudos Linguísticos e Literários) - Universidade Federal de Goiás.

- Com FERREIRA, A.J.; ANDRADE, M.R.M. de; VON BORSTEL, C. N.; COSTA-HUBES, T. C. da; CASTELA, G. da S. Participação em banca de Ana Paula Domingos Baladeli. Narrativas de Identidade do Professor de Língua Inglesa: o legado do PIBID. 2015. Tese (Doutorado em Letras -Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- Com HEBERLE, V.; GIMENEZ, T.; CRISTÓVÃO, V.L.L.; ORTENZI, D. I. B. G.. Participação em banca de Michele Sales El-Kadri. English language teachers? changing identities in a teaching practicum: PIBID and {Coteaching|Cogenerative Dialogue} as opportunities for professional learning.. 2014. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina.
- Com MONTE-MOR, W.; SOUZA, L. M. T. M.; Carmagnani, A.M.; JORGE, M.L.dos S. Participação em banca de defesa de doutorado de Andrea Machado de Almeida Mattos. Título: O Ensino de Inglês como Língua Estrangeira na Escola Pública: novos letramentos, globalização e cidadania. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Orientadora: Walkyria Monte-Mór
- Com OLIVEIRA, L. P. de; MILLER, I. K de.; NEIVA, A. M. S.; HEMAIS, B. J. W.; CAMARGO, L.M. C. de. Participação em banca de defesa de doutorado de Danielle de Almeida Menezes. Título: Discursos sobre Literaturas de Língua Inglesa: percepções e práticas pedagógicas de professores universitários. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Orientadora: Lúcia Pacheco de Oliveira.
- Com CRISTÓVÃO, V.L.L.; GIMENEZ, T.; LEURQUIN, E. Participação em banca de defesa de doutorado de Francisco Carlos Fogaça. Título: Reuniões Pedagógicas e Autoconfrontações: possíveis espaços de desenvolvimento profissional na rede pública. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Orientadora: Vera Cristóvão.
- Com GIMENEZ, T.; GIL, G.; CRISTÓVÃO, V.L.L.; MATEUS, E. Participação em banca de defesa de doutorado de Jussara Olivo Perin. Título: Emergência e Construção de uma Comunidade de Prática de Formadores de Professores de Língua Inglesa. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2009. Orientadora: Telma Gimenez.
- Com SCARAMUCCI, M.V.R.; LANZONI, H.P.; NERY, R. M.; BUSNARDO, J.M. Participação em banca de defesa de doutorado de Míriam Sester Retorta. Título: Efeito Retroativo do Vestibular na Universidade Federal do Paraná no ensino de língua inglesa em nível médio no Paraná: uma investigação em escolas públicas, particulares e cursos pré-vestibulares. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Orientadora: Matilde Scaramucci.

- Com BRAGA, D. B.; MONTE-MOR, W.; WIELEWICKI, V. H. G.; SOUZA, L. M. T. M. Participação em banca de defesa de doutorado de Regina Áurea Leão de Castro. Título: Salas de Bate-papo na Internet: espaço onde as mulheres tecem suas identidades através da linguagem. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Orientador: Lynn Mario T.M. de Souza.

2. Dissertações de mestrado

- Com ZAPPONE, M.H.Y. Participação em banca de defesa de doutorado de Paola Natacha Bogusz. Título: Agatha Christie no Mundo Virtual: a recepção de jogos de computador criados a partir de suas obras impressas. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011. Orientadora: Vera Helena Gomes Wielewicki.
- Com CRISTÓVÃO, V. Participação em banca de defesa de mestrado de Michelle Salles El Kadri. Título: O Estatuto do Inglês como Língua Franca em um Curso de Formação Inicial de Professores. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Orientadora: Telma Gimenez.
- Com COUTO, R.M.de S; SOUZA, J.M.B.de; BATTAIOLA, A.L. Participação em banca de defesa de mestrado de Rodrigo Calatrone Paiva. Título: A imagem-texto no ensino-aprendizagem de língua estrangeira: estudo exploratório do livro didático Touchstone. Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Design, Curitiba, 2010. Orientadora: Carla G. Spinillo.
- Com JANZEN, H.E.; PICANÇO, D.C de L. Participação em banca de defesa de mestrado de Caroline Tortato. Título: O livro didático público de inglês: uma análise a partir das diretrizes curriculares de língua estrangeira moderna do Estado do Paraná. Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2010. Orientador: Henrique Janzen.
- Com ADELMANN, M.; LANGE, T. Participação em banca de defesa de mestrado de Michelle Thomé. Título: Jogos de Poder: as estratégias de comunicação de mulheres e homens no rádio. Universidade Federal do Paraná, Ciências Sociais, 2008. Orientadora: Miriam Adelman.
- Com FRAHM, G.; GIMENEZ, T.; CRISTÓVÃO, V.L.L. Participação em banca de defesa de mestrado de Alessandra Augusta Pereira da Silva. Título: Trabalho Docente: um estudo de representação em textos do professor-formador acerca do papel da disciplina de língua inglesa no curso de Letras. Universidade Federal do Paraná, Letras, Curitiba, 2008. Orientadora: Gertrud Frahm.
- Com LAROCCA, P.; SAVELLI, E. L.; ROSSO, A. J. Participação em banca de defesa de mestrado de Nelza Mara Pallú. Título: Porque é Importante Aprender Inglês na Escola? Um estudo das representações sociais dos alunos, pais e professores sobre o processo de ensino e aprendizagem de inglês. UEPG, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Educação, 2008. Orientadora: Priscila LaroCCA.

- Com BAPTISTA, B. O. Participação em banca de defesa de mestrado de Érica Mônico da Costa. Título: Investigando a Escolha das Preposições IN e ON por Aprendizes Brasileiros. Universidade Federal do Paraná, Letras, Curitiba, 2006. Orientador: Michael Watkins.
- Com FRAHM, G. Participação em banca de defesa de mestrado de José Carlos Moreira. Título: A Representação Estereotipada da Língua e Cultura Francesas no Discurso dos Alunos do Centro de Línguas da Universidade Federal do Paraná: pode levar ou não a um processo de relativização. Universidade Federal do Paraná, Letras, Curitiba, 2006. Orientadora: Sandra Monteiro
- Com BELLEI, S. Participação em banca de defesa de mestrado de Juliana Salvadori. Título: E.E. Cummings: a 'perhaps' romantic, modernist, avant-gardist. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientadora: Maria Lúcia Milléo Martins.
- Com GIL, G. Participação em banca de defesa de mestrado de Ana Valéria Bisetto Bork. Título: Aprendizagem de Língua Inglesa no Ensino Médio: um estudo empírico com a técnica de dramatização. Universidade Federal do Paraná, Letras, Curitiba, 2005. Orientadora: Marcia Helena Boechat Alves Fernandes.
- Com BONNET, T. K. Participação em banca de defesa de mestrado de Silvia Regina Delong. Título: A leitura compreensiva em espanhol língua estrangeira: como trabalhar? Que outros caminhos empregar?. Universidade Federal do Paraná, Letras, Curitiba, 2005. Orientadora: Sandra Lopes Monteiro.
- Com FRAHM, G. Participação em banca de Ana Valéria Bisetto Bork. Título: A técnica de dramatização na aquisição de língua estrangeira no ensino médio. Universidade Federal do Paraná, Letras, Curitiba, 2005. Orientadora: Marcia Helena Boechat Alves Fernandes.
- Com BEHRENS, M. A. Participação em banca de defesa de mestrado de Maria Rute Leal. Título: A formação do professor de língua inglesa para atuar no ensino fundamental. 2003. PUC-Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Educação, Curitiba, 2003. Orientador: Jayme Ferreira Bueno.

3. Monografias de cursos de aperfeiçoamento/especialização

- Alessandra Rocha Cordeiro Gaede. Título: Motivação através de jogos e brincadeiras nas aulas de inglês no ensino fundamental. Universidade Federal do Paraná, Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas, Curitiba, 2003.

- Claudenise de Paula Santos. Título: Análise e seleção de material didático para o ensino de língua inglesa na escola regular da rede pública. Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas, Curitiba, 2003. Orientadora: Mariza Riva de Almeida..
- Lísias Leandro Lemke. Título: Fatores que influenciam a aquisição de segundas línguas. Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas, Curitiba, 2003.
- Narcia Rosana Cogo Woyceichoski. Título: O Papel da Cultura no Ensino das Línguas Estrangeiras. Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas, Curitiba, 2003.

VIII. EXTENSÃO

1. NAP-Universidade Federal do Paraná.

Fui a idealizadora deste Núcleo, inspirada na minha experiência em extensão na Universidade Estadual de Londrina. Desde sua criação em 1995, até 2012, atuei como coordenadora ou vice-coordenadora NAP. Nesses anos tive a oportunidade de ver o NAP com oferta contínua de cursos de extensão e grupos de estudo para professores da educação básica. Trabalhei diretamente com professores da rede pública, pois o NAP estabelece parcerias com as Secretarias de Educação Estadual do Paraná e Municipal de Curitiba e de Araucária.

- **1995-2011.** *Tivemos em média 100 professores por semestre em cursos de extensão ofertados com a colaboração de professores formadores de várias IES da região. Durante esse tempo ofertávamos cursos inicialmente voltados à formação docente para além da língua inglesa, mas nos últimos tempos assumimos uma orientação muito semelhante a dos institutos de idiomas, especialmente após nosso trabalho no Paraná ELT, que comento em seguida.*
- **2001-2004.** *Particpei ativamente do programa Paraná ELT, em “parceria” com o Conselho Britânico e a Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Minhas atividades no programa envolveram a participação no Steering Committee, espaço de tomada de decisões sobre a estrutura e os rumos do programa, bem como a participação como formadora de professores nas 3 etapas do programa (cursos de proficiência linguística, cursos de metodologia e cursos de reflexão sobre a prática pedagógica e o papel social da língua inglesa no Brasil). Este programa envolveu 9 Núcleos de Apoio/assessoria Pedagógica de várias IES do Estado e um trabalho que atingiu 2.875 dos cerca de 3.000 professores de inglês do Estado (relatórios internos do Conselho Britânico). Usei aspas na palavra parceria acima porque entendo que a relação das IES participantes com o Conselho Britânico se deu muito mais em termos de sermos “executoras” do programa concebido pelo Conselho, do que participantes ativas nas tomadas de decisão sobre os rumos e ações a serem desenvolvidas. Evidentemente nos rebelamos muitas vezes e estrategicamente resistimos de dentro do processo, mas os rumos gerais foram sempre determinados pelo Conselho Britânico. É com tristeza que vejo essa realidade parecer repetir-se nos desdobramentos mais recentes do MEC para a formação de professores de inglês, desprezando todo o trabalho que as IES vêm desenvolvendo junto ao Ensino Fundamental para a formação continuada de professores.*
- **2009.** *Findo o Paraná ELT, o NAP manteve seus cursos nos moldes de institutos de línguas, separando os professores por níveis linguísticos e seguindo livro didático. Mas nossa insatisfação crescente com esse modelo nos levou a, em 2009, ofertar três tipos de curso: Capacitação (60 horas semestrais com enfoque na prática linguística), Práticas de*

Sala de Aula (ou PSA – 60 horas semestrais, com proposta de parceria entre formadoras e professores, que negociavam entre si a estrutura do curso, incluindo os conteúdos a serem abordados e as formas de avaliação, visando a formação profissional) e Produção de Material Didático (120 horas anuais pensando processos de construção de material didático em sua relação ou não com as diretrizes estaduais e nacionais para o ensino de inglês). Além disso, houve também eventos chamados de Ciclo de Vivências, espaço esse em que os professores divulgaram suas pesquisas e projetos que desenvolveram em suas escolas.

- **2009/2010. Curso de extensão: formação de formadoras.**

Nesse ano formou-se um grupo de tutoras, ou seja, de formadoras de professores, extremamente exigente em termos de seu desempenho no trabalho. Esse grupo compartilhava bastante seu desconforto em lidar com professores como se lidava com alunos e, mais ainda, ao se perceber implementando práticas que iam de encontro ao que acreditávamos ser necessário no trabalho produtivo com professores em formação continuada: incomodava-nos sobretudo estarmos fazendo testes de nivelamento com base na proficiência linguística dos nossos colegas – questionávamo-nos sobre nossa legitimidade para isso e, em especial, sobre a necessidade e importância de agirmos assim para construirmos conhecimentos com os professores que vinham a nossos cursos. Nossas conversas nos intervalos das aulas e nos corredores demonstravam nossa percepção de que estávamos nos propondo a fazer algo em que, no fundo, não acreditávamos. Quando essa inquietação estava perto do insuportável, decidimos construir espaços mais formais para nossas reflexões, e então nos ocorreu criarmos um curso de extensão com encontros aos sábados de tarde (horário mais conveniente a todas). Cada encontro foi então organizado por duas de nós, a partir de temas que nos inquietavam na lida semanal com os nossos colegas professores.

Nosso aprendizado nesse curso e nesse ano está registrado numa publicação organizada por mim e pelas colegas Regina Halu e Juliana Martinez, chamado Formação Desformatada. Mais comentários na seção VI- Produção científica: publicações. Gostaria de ressaltar aqui uma questão institucional com a qual também aprendi bastante: sendo eu a coordenadora deste curso, fui chamada pelo Comitê Setorial de Extensão para explicar o relatório final, no qual os nomes das participantes eram idênticos aos nomes das ministrantes. Foi difícil explicar a meus pares que a proposta do curso era justamente essa.

- **2011.** Oficina para formadores e professores de inglês em parceria com outros NAP no Estado do Paraná e com a Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Esta oficina, organizada por mim e por Juliana Martinez, congregou 33 Núcleos Regionais de Educação no Estado e 7 IES, dentre universidades e institutos federais que trabalharam em parceria no segundo semestre de 2011.

2. PIBID 2009 e 2011.

- Outra área de atividade relacionada à formação de professores está na minha inserção no programa PIBID - Programa de Iniciação à Docência da CAPES, no qual coordenei dois grupos em parceria com quatro escolas públicas estaduais.

Considero este programa de especial importância para os licenciandos com que trabalhei, pois o curso de graduação em que estávamos tinha uma estrutura curricular que, mesmo depois das DCN de 2002, ainda reproduzia o sistema 3+1, deixando o contato com a realidade profissional dos formandos para a última parte do curso. Com o PIBID, os alunos selecionados (50% deles, nessas duas primeiras edições do inglês, eram calouros na graduação) tiveram a oportunidade de frequentar a escola rotineiramente, trabalhando em parceria com as professoras supervisoras (regentes das turmas nas escolas) para refletir sobre a realidade escolar e contribuir positivamente para esta mesma realidade. Esta oportunidade trouxe aos licenciandos, especialmente aqueles no início do curso, a possibilidade de relacionar o que viam em suas salas de aula no Curso de Letras ao ensino na escola pública – oportunidade extremamente significativa em sua prática futura, e também em seu aproveitamento das disciplinas cursadas durante a graduação. Mas o PIBID também se constituiu num espaço de formação continuada tanto para mim quanto para as professoras supervisoras: nosso trabalho, efetivamente desenvolvido em conjunto, significou para nós contato com espaços profissionais diferentes e enriquecedores. Nossa parceria, de início difícil por causa da hierarquia presumida por causa dos níveis de ensino em que atuávamos, logo passava a ficar mais equilibrada quando nos percebíamos igualmente exaustas, igualmente recompensadas.

Um outro aspecto de interesse aqui é que no edital nacional do PIBID 2009 não havia menção para a disciplina de língua inglesa. No entanto, por um equívoco da coordenação do curso de Letras, que tinha sido convidada a enviar docentes para uma primeira reunião com o objetivo de divulgar o programa, eu participei dessa reunião. Como o programa me fascinou de imediato, consegui convencer o coordenador institucional do PIBID a incluir uma proposta de língua inglesa com as outras propostas de subprojetos. Felizmente o projeto institucional foi aprovado na íntegra pela CAPES, e com ele o subprojeto de inglês que, desde então, teve turmas formadas em todas as edições do PIBID.

3. Outras atividades de extensão

- 2001 e 2003. Prefeitura Municipal de Araucária. Ministrei cursos de formação continuada de professores, com 160 e 120 horas, respectivamente.
- 2001. FECILCAM. Campo Mourão. Semana de Letras. Oficina “Reading Literature”

- 2002. UEL. Consultora para projetos de extensão.
- 2002. FECILCAM. Campo Mourão. Palestra “Educação Pós-Moderna: de onde viemos e para onde vamos.”
- 2002. SINEPE. Sindicato dos Estabelecimentos do Ensino Privado no Estado do Paraná. Curitiba. Palestra “A Educação ‘Virou Pizza’ em Tempos Pós-Modernos?”
- 2003. UNICENTRO. Guarapuava. Minicurso “A Educação Literária na Sala de Aula”.
- 2003. SEED-PR. Curitiba. Consultora para a elaboração dos primeiros Ambientes Pedagógicos Colaborativos – APCs, a serem disponibilizados no Portal Educacional Dia-a-dia Educação.
- 2003 e 2004. Curitiba. Preparação de alunos para exame do Itamaraty para diplomatas. Disciplina: língua inglesa.
 - Alunos: Viviane, Jorge e Luis Henrique.
- 2004. UNIBRASIL. Curitiba. Elaboração de questões para o vestibular.
- 2005 e 2006. SEED-PR. Curitiba. Elaboração dos Cadernos de Orientações Pedagógicas e banco de textos para professores de inglês e espanhol da rede pública do Paraná.

Esta experiência foi uma das mais significativas de minha carreira. Além do trabalho em equipe, extremamente gratificante mas bastante difícil pela necessidade de negociação constante de sentidos, foi desafiador pensar em atividades para uso em salas de aula muito diversas, uma vez que o material seria usado por professores no Estado do Paraná inteiro. A alternativa encontrada foi determinar o trabalho apenas em linhas gerais, fugindo da ideia de livro-texto e insistindo na confecção de “cadernos”, uma vez que gostaríamos que os professores utilizassem este material ao lado do material que eles próprios desenvolvessem.

Infelizmente, com a mudança do partido que governava o Estado após as eleições e antes da publicação do material, os Cadernos foram engavetados. Tentamos recuperar o material e solicitamos licença da Secretaria para publicá-lo de forma independente, mas não fomos autorizados.

- 2006. SEED-PR. Faxinal do Céu. Ministrante do II Simpósio Estadual de Língua Estrangeira Moderna
- 2006. UNIANDRADE. Curitiba. XI Semana de Letras. Palestra de abertura: “A Linguagem na Pós-Modernidade: ‘compartilhando a ignorância dos cientistas’”
- 2006-... Revista Letras. Programa de pós-graduação. Universidade Federal do Paraná. Parecerista de artigos acadêmicos.
- 2007. FECILCAM. Campo Mourão. Palestra “De Código a Discurso: implicações das concepções de língua para o ensino de LE”.
- 2007. FACINTER. Curitiba. Parecer sobre a apostila “Around the World – introdução à leitura em língua inglesa”.
- 2007. Editora Moderna-Richmond. São Paulo. Parecer sobre a coleção de livros didáticos para ensino de inglês de 5a a 8 a séries do ensino fundamental “Take your Time”.
- 2004 - ... Revista Acta Scientiarum: Language and Culture. UEM. Parecerista de artigos acadêmicos.
- 2005. UNIVILLE. Consultora para projetos de pesquisa.

- 2005. Revista Scripta. UNIANDRADE. Parecerista de artigos acadêmicos.
- 2008 - Revista BELT. APLIEPAR, APLIESC e APLIRS. Parecerista de artigos acadêmicos.
- 2009 - ... Revista Olhar do Professor. UEPG. Parecerista de artigos acadêmicos.
- 2009. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. I Simpósio de Línguas Estrangeiras e suas Metodologias. Palestra de abertura: “Letramento crítico em LE: pressupostos e implicações da era ‘pós-método’”.
- 2010- Revista Signum. Programa de pós-graduação. UEL. Parecerista de artigos acadêmicos.
- 2015-... Membro do Conselho Editorial da Pontes Editores, nos livros da série Linguística Aplicada.
- 2018 – Organização do Fórum Internacional de Cultura, Literatura e Linguística Aplicada (FICLLA 2018), evento que homenageou meu orientador de doutorado, professor Lynn Mario T. M. de Souza.

Cabe aqui me alongar sobre essa experiência, já que a percebo como um ponto culminante na minha carreira. Tive a grande honra de conceber e organizar, em conjunto com o grupo de pesquisa Identidade e Leitura, esse evento em homenagem ao meu orientador de doutorado, Prof. Lynn Mario Trindade Menezes de Souza. A ele devo quase tudo em minha carreira profissional: a aprovação no concurso para docente da UFPR, a entrada no doutorado, a finalização do doutorado, o contato com as perspectivas “pós”, a problematização das fronteiras entre as áreas do conhecimento, o questionamento da hierarquização de saberes, a possibilidade de criticar mesmo fazendo parte. Idealizar esse evento e poder oferecer ao meu mestre inspirador tal homenagem foi, sem dúvida, um dos momentos mais significativos que já vivi. O evento buscou também, em seu formato, questionar a separação entre o profissional e o pessoal, entre a academia e a vida, entre o coração e a mente, entre emoção e razão. Superar esses pares binários dentro da academia foi uma tentativa ousada mas que se tornou possível.

*Eu jamais tinha organizado um evento deste tamanho – tivemos cerca de 180 participantes durante os três dias do Fórum. Sua concepção foi construída a partir de uma ideia que emergiu nos encontros do grupo de pesquisa Identidade e Leitura, quando discutíamos a importância do grupo em nossas carreiras acadêmicas e vidas pessoais, ideia concomitante à concepção do livro **Devaneios em Atas**, comentado anteriormente neste memorial. Estávamos, no final de 2017, bastante inquietos com a separação entre as teorias que líamos e discutíamos no grupo de pesquisa e nossas práticas de letramento. Víamos uma academia sisuda, entristecida, sem ânimo. Víamos os encontros do grupo como um espaço de respiro, de retomada do fôlego que nos movia durante o restante do tempo. Falávamos da importância do grupo em nossas vidas pessoais e profissionais. Daí partiu a ideia de organizarmos um evento que nos permitisse fazer relações que não víamos acontecerem em lugares acadêmicos, ou seja, de construirmos um evento científico que tratasse de materializar associações entre as identidades que víamos coexistirem em nós. Pensamos em*

desessencializar nossas identidades, em borrar as fronteiras ilusórias entre razão e emoção, em ir além das distinções binárias entre mente e corpo. Daí tomamos inspiração na obra do professor Lynn Mario, conhecido de todos no grupo de pesquisa como alguém que transitava muito bem entre essas “ordens” de identidades – ninguém mais do que ele nos pareceu adequado de ser homenageado num evento com essas intenções.

Assim pensamos no FICLLA como evento a ser organizado em torno de rodas de conversa, exposição de pôsteres e diálogos constantes entre apresentadores e participantes em geral. Inicialmente pensamos também em um momento aos moldes do programa de televisão Roda Viva, em que nosso homenageado responderia a perguntas dos participantes sobre sua obra. Logo em seguida, mudamos de ideia ao vermos o referido programa assumir um viés político-partidário de doutrinação que agredia o convidado mais do que esclarecia o público sobre suas ideias. Pensamos então em utilizar a ideia de uma Mandala para inspirar esse momento no evento. Em conversa com o próprio professor homenageado, ele sugeriu uma Mandala com quatro lados e ela passou a fazer parte de nossa programação. Essa parte do evento acabou se transformando num dos principais momentos do Fórum, diante da natureza da maioria das perguntas feitas ao professor naquele momento, mas especialmente diante das respostas dadas por ele, que abordaram sua experiência para além da academia e, a meu ver, evidenciaram as relações de afinidade entre suas produções teórico-científicas e sua vida fora da universidade e assim lançaram novos tons a como vemos sua obra e, potencialmente, também nossos próprios caminhos dentro e fora da academia.

Na abertura do evento, eu achei que, assim como iríamos tratar de expor (com a anuência dele, importante frisar) uma dimensão das práticas do nosso homenageado provavelmente desconhecida do público em geral, também eu deveria expor algo sobre mim que poucos conhecessem. Comentei então o episódio de meu primeiro encontro direto com o professor Lynn Mario durante meu concurso para ingresso na UFPR, no qual ele me afirmou, em conversa imediatamente após a divulgação do resultado, ter-me dado uma ótima nota em função não do meu desempenho, mas sim do meu potencial. Essa lição, gravada profundamente no meu processo de aprendizagem, me acompanha sempre e inspira, acredito eu, minhas práticas em todos os walks of life.

A comissão organizadora do evento, constituída por integrantes do grupo de pesquisa Identidade e Leitura, insistiu muito com os participantes, em especial os convidados da Mandala e das Rodas de Conversa, que priorizassem sempre o debate, fazendo do FICLLA um evento de trocas dialógicas e não de apresentação de pesquisas. Também dos pôsteres pedimos que fosse usada criatividade e que eles tivessem um papel de destaque como embasando as discussões que aconteceriam nas Rodas de Conversa. Os pôsteres, forma de participação que consideramos pouco valorizada nos eventos em geral,

no FICLLA tiveram a função importantíssima de problematizarem os temas das Rodas e por isso solicitamos dos organizadores de cada Roda que visitassem os pôsteres antes de iniciarem suas Rodas, a fim de utilizarem as questões apresentadas pelos pôsteres como força motriz das discussões realizadas nas Rodas. Como uma das organizadoras do evento, não pude participar de muitas Rodas, mas nas que consegui ir pude ver isso acontecendo, e acredito que o FICLLA atingiu seu maior objetivo, o de integrar e valorizar diversas formas de construção de conhecimento sempre contando com a participação ativa de todos.

IX. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS

- 2003-2005. Coordenadora do Curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Esta experiência marcou muito minha vida pessoal e acadêmica. Tive um contato direto com todos os alunos do curso, bem como com outros coordenadores de curso e com a administração superior da universidade. Estes contatos me levaram a uma compreensão bem mais ampla da universidade e seu funcionamento do que a que tinha tido até então. Na época estávamos discutindo uma reforma curricular para acomodar o curso às então novas DCE para as licenciaturas e cursos de Letras, bem como implantando a informatização da graduação, recadastrando alunos e currículos no novo sistema de gerenciamento de dados, o que gerou uma dificuldade imensa de trabalho administrativo na coordenação: nosso curso na época tinha 54 possibilidades de caminhos curriculares. No entanto, neste período tive algumas desavenças profissionais que me afetaram intensamente, e juntamente com a sobrecarga de trabalho elas me levaram a ser diagnosticada com Síndrome de Burn-out e a um afastamento de 15 dias para tratamento de saúde.

- 2012 - ... *Devido ao agravamento de artrose coxo-femural congênita, entre 2011 e 2012 passei por um processo de avaliação de capacidade laborativa na UFPR, e como resultado tive a indicação de reduzir meus deslocamentos ao máximo possível. Em acordo com a assistente social responsável por minha avaliação, a então chefe de departamento e eu, fiquei dispensada permanentemente de participação em reuniões departamentais e de área e subárea, bem como de integrar quaisquer comissões de caráter acadêmico e administrativo.*

X. OUTRAS ATIVIDADES

- Idealizadora e primeira editora-chefe da Revista X, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Núcleo de Assessoria Pedagógica da Universidade Federal do Paraná
- Membro do conselho editorial da Revista *Cogita – Interfaces do Conhecimento*. Universidade Estadual de Goiás, Itapuranga
- Membro do conselho editorial da Revista *Argentinian Journal of Applied Linguistics*
- Membro do conselho editorial da Revista *Critical Literacy: theories and practices* (<http://criticalliteracyjournal.org/>).
- Parecerista do Journal of Multicultural Discourses, Taylor & Francis
- Parecerista da Revista Brasileira de Linguística Aplicada
- Parecerista da Revista Caleidoscópio, Unisinos
- Parecerista da Revista Acta Scientiarum – Cultura, Universidade Estadual de Maringá
- Parecerista da Revista Árboles y Rizomas, Universidad de Santiago do Chile
- Parecerista da Revista Scripta, Uniandrade
- Parecerista da Revista Trabalhos em Linguística Aplicada, UNICAMP
- Parecerista da Revista Signum, Universidade Estadual de Londrina
- Parecerista da Revista X, Universidade Federal do Paraná

XI. CONSIDERAÇÕES FINAIS, ou não muito...

Tão difícil quanto iniciar a escrita deste memorial foi decidir como finalizá-la. O que se segue é então uma desvirtuação do que costumam ser considerações finais: apresento aqui projetos em andamento e meus agradecimentos – embora estes costumem abrir trabalhos acadêmicos, creio que se enquadram melhor aqui no encerramento do texto, à guisa de estímulo para a continuação da minha carreira.

Não é fácil pensar no fim – talvez porque não me sinta no fim da vida nem da carreira, e sim no início de uma vida mais saudável, apesar da idade, e com maiores oportunidades de fazer a diferença, especialmente na luta contra o obscurantismo que parece estar-se instalando nos últimos tempos.

Talvez tenham sido justamente esses *últimos* tempos que me fizeram decidir por não fazer deste momento o final da minha carreira: ao concluir a escrita deste memorial, tomei a decisão de adiar minha aposentadoria, à qual tenho direito desde novembro de 2007. Estou decidida a continuar atuando também na pós-graduação, enquanto me sentir livre para conversar com meus alunos sobre diferentes perspectivas linguísticas, sociais, educacionais; enquanto eu tiver saúde para pensar, relacionar, construir ideias críticas junto a minhas alunas e meus alunos, junto a minhas e meus colegas, pares e ímpares; enquanto eu sinta que posso escrever, que tenho o que dizer, que posso ocasionalmente inspirar minhas leitoras e meus leitores.

Num futuro próximo, tenho programadas as seguintes atividades:

- ainda no mês de janeiro deste ano vou a uma conferência em Tóquio, a 8th Waseda ELF International Workshop and Symposium, a convite da organização. O convite é consequência da minha participação no AILA 2017 no Rio de Janeiro, onde uma das organizadoras assistiu minha apresentação sobre a pesquisa “A Língua Inglesa na Internacionalização do Ensino Superior”, que me rendeu também um convite da mesma professora para escrever um capítulo para o livro que estava organizando na época, **English-Medium Instruction from an English as a Lingua Franca Perspective**. Neste evento, cujo tema é *ELF and Applied Linguistics – broadening a perspective*, estarei apresentando uma plenária sobre o que são as “epistemologias do Sul” e por que são relevantes também no Norte, baseada em minhas leituras de Boaventura de Souza Santos, Walter Mignolo e Viveiros de Castro. O convite me deixou muito honrada, pois estarei apresentando uma conferência plenária dentre três, sendo que as outras duas serão ministradas por Henry Widdowson e Barbara Seidlhofer, que trabalham em linhas diferentes da minha: so help me God...
- recebi também convite do professor Sinfree Makoni, que conheci pessoalmente em um evento na UnB em 2017, e a quem tive o prazer de receber em Curitiba para uma fala na UFPR em 2018. Depois disso, participamos juntos de um evento na UFSC sobre políticas linguísticas, durante o qual ele me convidou para participar da conferência sobre linguística

integracionista que ele está organizando na Penn State neste ano. Estarei lá, se tudo correr bem.

- apresentarei comunicação no 12 International Congress of English as a Lingua Franca em Medellín, Colômbia, em julho deste ano.
- a convite de Kleber Aparecido, da UnB, estou co-organizando com ele dois livros: **Conversas com Linguistas Aplicados e Política Linguística, Multiletramentos e Identidades**, o primeiro previsto para publicação até o final de 2019, o segundo em 2020.

Sem falsa modéstia, creio ser este o momento de confessar que os convites acadêmicos recebidos me deixam muito satisfeita – e obviamente preocupada em corresponder minimamente ao que esperam de mim. Também me deixa feliz conversar, principalmente em eventos, com pessoas que gostaram de ler meus textos; é uma boa sensação também conversar com leitores e leitoras nas redes sociais ou pessoalmente com alunos que gostaram das minhas aulas, com colegas que gostaram de estabelecer parcerias comigo. Sem querer parecer arrogante, momentos dessas conversas não têm sido raros, e espero que continuem assim: eles me impulsionam a curiosidade, me instigam à leitura, me confortam a alma.

Olhar minha carreira acadêmica para escrever este memorial foi um exercício recompensador: num momento da vida em que tudo em volta de mim parece ruir, em que meus ideais de sociedade se veem ameaçados por uma cena política desalentadora e surreal, o retrospecto a que me levou a confecção desse texto permitiu que eu percebesse ter obtido muitas conquistas acadêmicas, ter feito muitas amigas e amigos dentre meus e minhas colegas, ex-alunas e ex-alunos. Essas conquistas são aquelas de que mais me orgulho: as amizades que tenho hoje com pessoas cujo relacionamento começou na academia e se estendeu à vida particular, me ajudam a perceber que a academia vale à pena também pelas oportunidades que traz de estabelecer amizades enriquecedoras, tanto intelectual quanto emocionalmente, até porque as duas esferas da vida muitas vezes são inseparáveis.

Para concluir a finalização deste texto, não posso deixar de mencionar novamente a importância que tiveram minhas ex-orientadoras e meus ex-orientadores – se é que se pode anexar o prefixo ex- aos laços estabelecidos durante e após a função de orientar, pois muitas vezes me pego pensando que elas e eles serão minhas orientadoras e meus orientadores enquanto eu viver. Muitas vezes ainda me vejo seguindo seus exemplos, lembrando o que me disseram, espelhando-me em seus olhares. A elas e eles tenho muito o que agradecer. Ao incentivo que sempre recebi delas e deles devo minha carreira acadêmica: a elas e eles, meu muito obrigada. Agradeço ainda a todas as professoras e a todos os professores que tive, sem os quais obviamente também não seria quem sou. Alguns marcaram positivamente, outros nem tanto, mas sem exceção me ensinaram muito, sempre. É bom saber que aprendi com elas e eles. Sempre.

Por fim, dedico minha carreira também para quem me influenciou de fora da academia, em especial minha família e meu companheiro de 21 anos de convivência feliz. Meu pai, já falecido, sempre muito orgulhoso da filha do meio: seu Comercindo tinha apenas o terceiro ano primário, e se aposentou como Diretor Regional da carteira agrícola do UNIBANCO. Foi um grande exemplo pra mim. E um grande motivador para os estudos – lembro do brilho nos olhos dele quando foi chamado ao palco da UFPR para me entregar o diploma de licenciada em Letras: ter o diploma entregue por meus pais foi uma honra que recebi por ter tido a melhor nota da turma de formandos. Minha mãe, que hoje aos 89 anos pouco entende o que significa uma banca de titular, sempre leu muito, sempre conversou muito, sempre explicou a vida incansavelmente a suas filhas e filho, e com seu exemplo me trouxe para as Letras. Minhas irmãs, colegas professoras no ensino público, me deram apoio constante, inclusive no cenário político dos últimos tempos, que estreitou ainda mais nosso relacionamento e minha admiração por elas, ao trocarmos impressões sobre nosso país, nossa sociedade, nosso futuro. Meu irmão, geólogo e empreendedor, me apresentou contrapontos sem ofender, sem se exaltar, sem quebrar a admiração que também nutro por ele e sobrevive a divergências político-ideológicas.

Last but not least, dedico minha carreira também a meu companheiro, sem o qual não consigo mais me ver: ele, que me incentiva desde que o vi pela primeira vez, que me impulsiona pra frente, que compra desafios comigo, que enfrenta mundos novos a meu lado – que me dá coragem para andar, literal e metaforicamente. Meu poço de paciência, que administra minha ansiedade com carinho, que me oferece o braço firme cada vez que perco o equilíbrio (mais uma vez, literal e metaforicamente). A ele também sou muito grata.

A pieguice desse arremedo de conclusão não estaria completa sem o agradecimento às divindades e energias do universo que me permitiram chegar até aqui. A elas peço ainda que continuem a me proteger e ensinar, nesta e nas próximas vidas.